

FOME



Falta comida na mesa dos brasileiros, sete anos depois do país deixar o Mapa da Fome da ONU com os governos do PT. Bolsonaro desmontou os programas de combate à fome. Agora, mais de 116 milhões de brasileiros não têm alimento suficiente e 19 milhões sofrem de desnutrição aguda

Arte: Nathalie Nascimento

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 19 de Julho de 2021 Nº 19

NESTA EDIÇÃO

Denice Santiago: "Temos de reaprender a votar"
Novas suspeitas minam ainda mais Bolsonaro
O Golpe de 2016 atrasou a adoção do 5G
Jim Morrison, o poeta do rock, continua atual

**INTERDITAR BOLSONARO
E REVOGAR A LEI DE
SEGURANÇA NACIONAL**

em defesa da vida
e da democracia

**NEGACIONISMO E
IRRESPONSABILIDADE
LEVAM BRASILEIROS
À MORTE**

Observatório
da Democracia

Fundação
Cantalice

Fundação
Herbert Davis

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

INSTITUTO
Cruz Neto

LAURO CAIXES E
MARTELLE FRANCO

FLA-AP

ASTROJILDO

Herbert Davis

**PAUTA
BRASIL**

**ASSISTA AO
PROGRAMA
PAUTA BRASIL**
SEGUNDAS, QUARTAS
E SEXTAS-FEIRAS
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E
TRANSMISSÃO

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

transmissão

★

DCM Forth

TV 247

SIGA O CANAL DA REVISTA



NO YOUTUBE

**focus
BRASIL**

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Redação: Artur Araújo Danilo Molina, Isaías Dalle,
Pedro Camarão e Nathalie Nascimento



**FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores**

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva
Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,
Luiz Caetano e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur
Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,
Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,
Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de
Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de
Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,
Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,
Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de
Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,
Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,
Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,
Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),
Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia
e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves
das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França
Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas
(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane
Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de
Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),
Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto
(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares
Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),
Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e
Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana
São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

FOME. A NOVA EPIDEMIA QUE ASSUSTA O PAÍS

ENTREVISTA. Major Denice diz que o Brasil precisa rediscutir segurança pública

Página 4

FOME. O flagelo volta a assustar o Brasil de Bolsonaro, já devastado pela Covid -19

Páginas 12 a 23

BOLSONARO. O presidente se encrena e é mencionado diretamente por PM acusado

Página 24

CRISE. Surgem indícios da participação de oficiais das FFAA nas compras de vacina

Página 26

CPI. Rogério Carvalho diz que Bolsonaro se degrada, enquanto avança investigação

Página 28

PESQUISAS. Noppe diz que pesquisas mostram Lula consolidado com 40%

Página 31

GOLPE. Desde 2016, país sofre com atraso tecnológico na área de telecomunicações

Página 38

CIÊNCIA. Adão Villaverde alerta para riscos. PD&I está com poucos investimentos

Página 47

Divulgação

EDITORIAL

ENFRENTAR A DESIGUALDADE PARA SUPERAR A CRISE

Aloizio Mercadante



O descontrole da pandemia e o aprofundamento da política neoliberal, promovidos por Bolsonaro, levaram o Brasil a uma situação dramática. Além dos 540 mil mortos e sequelados pela pandemia, são 14,8 milhões de desempregados, 33,3 milhões de subutilizados e 6 milhões de desalentados. A inflação foi de 8,06% nos últimos 12 meses, com os preços de energia, combustíveis e especialmente alimentos disparando e pressionando a vida dos trabalhadores e dos pobres.

Para piorar, o aumento da extrema pobreza e a fome se tornaram uma triste realidade para 14,5 milhões de famílias brasileiras. São pessoas que sobrevivem com renda de R\$ 89 per capita por mês. Outras 2,8 milhões de famílias estão em situação de pobreza – vivem com renda mensal entre R\$ 90 e R\$ 178 para cada membro da família.

Nesse cenário de agonia e desespero, o apoio popular a Bolsonaro despenca nas pesquisas. Cada vez mais isolado politicamente, a maioria do povo considera o ex-capitão pouco inteligente, indeciso, incompetente, despreparado, autoritário e desonesto. Isso aumenta a pressão sobre o governo e parece comprometer de forma definitiva qualquer perspectiva de reeleição.

O trabalho estratégico da CPI da Covid no Senado fez ruir a última narrativa de Bolsonaro: um governo impoluto. Graves denúncias de propina e superfaturamento na compra de vacinas, envolvendo o líder do governo na Câmara, militares do alto escalão – e até um pastor evangélico –, apontam que o negacionismo na gestão da pandemia na realidade era uma grande negociata. Enquanto milhões de brasileiros morriam ou eram internados pela Covid-19, a compra de vacinas se tornou um grande esquema de corrupção.

Com os olhos da imprensa independente e do povo voltados para a degradação do presidente da República, a agenda de desmontes e de retrocessos avança quase que silenciosa e despercebida no Congresso, especialmente na Câmara. O semipresidencialismo, o distritão e o voto impresso voltaram a assombrar a proposta de reforma política. A privatização da Eletrobrás já foi aprovada, retirando do Estado a principal ferramenta de gestão da política energética. Agora, os Correios são o próximo alvo.

Está em andamento ainda uma proposta de reforma tributária que aprofunda as desigualdades e beneficia setores como o agronegócio, mineração, imobiliário e mercado financeiro. Dentro os pontos alterados pelo Congresso com apoio de Paulo Guedes estão, por exemplo, o fim da possibilidade das empresas deduzirem o vale-alimentação da base de cálculo do Imposto de Renda, o retorno da elisão fiscal, a desoneração do IR das grandes empresas, desoneração do lucro imobiliário. E, mais uma vez, os muito ricos continuarão sem pagar impostos.

A superação desse cenário de caos gerado pelo desgoverno Bolsonaro passa necessariamente pelo enfrentamento da fome, do desemprego e da desigualdade. Os super ricos devem financiar a recuperação do país.

Por isso, é fundamental uma reforma tributária justa, sustentável e solidária, que tenha centralidade na progressividade do imposto de renda, na taxação de dividendos e juros sobre capital próprio, dos lucros imobiliários e dos muito ricos. São medidas fundamentais para a reconstrução do país.

Além disso, o Estado deve ser o grande agente indutor da recuperação econômica, com a retomada do controle de empresas estratégicas, da capacidade de investimentos e financiamento das políticas sociais. Já mostramos que sabemos como conciliar crescimento, estabilidade e justiça social. E é isso que voltaremos fazer com Lula em 2023.



“PRECISAMOS VOLTAR A EVOLUIR COMO NAÇÃO”

Ex-candidata à prefeitura de Salvador, a oficial da PM, psicóloga e mestra em desenvolvimento pela UFBA diz que o Brasil precisa se reencontrar e aprender a votar.

“Vivo angustiada e esperançosa”, afirma. “Estamos estagnados. Não temos perspectiva de vida. A juventude está sem esperança. Então, para 2022, o Brasil precisa reaprender a votar. Tem de votar na mudança: Lula”

Por Pedro Camarão

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública estima que uma mulher esteja em situação de violência a cada 8 minutos no país. Diante deste dado, a major da PM da Bahia Denice Santiago afirma que a sociedade brasileira escolheu ser violenta e que qualquer mudança depende de educação de gênero e trabalho de fiscalização, prevenção e atendimento às vítimas.

Candidata à prefeitura de Salvador pelo PT em 2020, Major Denice é responsável por levar a Ronda Maria da Penha para a PM baiana. O projeto inspirado em uma iniciativa da polícia do Rio Grande do Sul busca preencher lacunas deixadas pela Lei Maria da Penha combatendo as agressões e fiscalizando rotineiramente a situação das famílias onde ocorrem violência doméstica. A inovação

criada pela Major Denice foi o trabalho de prevenção que passou a ser realizado com a criação de uma série de ações e projetos que explicam às vítimas como identificar a violência doméstica e o funcionamento da rede de proteção.

A policial militar que se aprofundou no tema da violência contra a mulher afirma que os casos de violência aumentaram muito durante a pandemia. Da mesma forma, as possibilidades para que as vítimas consigam denunciar seus agressores ficaram mais escassas. Além disso, ela considera que a pandemia deixou muitas mulheres em situação de extrema fragilidade.

Além de oficial da PM, Denice Santiago é psicóloga e mestra em Desenvolvimento e Gestão Social pela UFBA. O título da dissertação é impactante: “Branco correndo é atleta, preto correndo é

ladrão”. A frase dita por um instrutor do curso de oficiais da PM foi utilizada por Denice para determinar como o racismo está institucionalizado nas forças policiais. Ela diz que a sua luta é para que o próprio filho e os demais jovens negros não sejam tratados como alvos pela polícia, e que possam ser protegidos por ela.

Nesta entrevista à **Focus Brasil**, Denice analisa ainda a situação do Brasil, que considera tenebrosa. Ela ressalta que não faz muitas críticas ao presidente Jair Bolsonaro porque é militar da ativa e o regulamento não permite que ela carregue esse tipo de crítica em suas falas, diferente da condição do General Eduardo Pazuello. Apesar da angústia pelo presente, Denice diz ter esperança de que esse período vai servir para os brasileiros reaprenderem a votar. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Focus Brasil – A senhora é uma mulher negra, policial militar, psicóloga e mestra em Desenvolvimento Territorial e Gestão Social pela UFBA. São muitas frentes de luta em um país como o Brasil. Na dissertação, abordou o racismo na atividade policial, um problema generalizado, enraizado na estrutura do país. Qual é a sua perspectiva sobre o país? Na sua opinião, por que o Brasil está nessa situação?

Denice Santiago – Enquanto mulher, mãe e trabalhadora, minhas perspectivas são extremamente sombrias e complexas. Temo, em específico, como mãe, pelo futuro, pela possibilidade de subsistência e de existência. Então, nesse lugar que o materno me trouxe, mas que sobremodo não me define, assusto-me diariamente com o Brasil. Para além da gestão federal do país, o que mais me angustia é a receptividade de boa parte de brasileiros e brasileiras ao que está sendo posto pelo governo federal. Angustia a mim entrar nas redes sociais e ver pessoas aclamando a misoginia, aclamando o racismo e outras discriminações. Angustia a mim estar na minha prática profissional, por exemplo, e ver colegas de profissão defenderem isso que está sendo posto como pauta pelo governo.

Como militante do movimento de mulheres, fico angustiada em perceber que todas as políticas públicas que a gente construiu durante os anos em que esse país teve uma gestão humanitária estão sendo destruídas sumariamente e ridicularizadas nesse processo. Eu, por vezes, fico pensando se a gente vai conseguir recuperar o tamanho do dano que se causou. Porque essa perversidade que está posta tem alcançado graus de metástase.

Para você ter ideia, outro dia uma pessoa que eu estimo mui-

to, conversando comigo, começou a querer defender o governo que aí está. E eu até disse: “Você pode até ser ‘anti’ algum partido político. É uma escolha sua, mas você não tem argumentos para defender o que está posto”. Não há argumentos para defender o que nós estamos vivendo, o desmonte do Estado brasileiro, o desmonte de tantos avanços que nos colocaram na pauta mundial, que fez o Brasil deixar de ser o “país do futebol” ou o “país das mulatas bonitas” e passou a ser o país da justiça social, da econo-

ANGUSTIA A MIM ENTRAR NAS REDES SOCIAIS E VER PESSOAS ACLAMANDO A MISOGINIA, ACLAMANDO O RACISMO E OUTRAS DISCRIMINAÇÕES

mia crescente, o país do respeito, para ser um país de referência.

Por exemplo, o SUS que aí está e que tantas pessoas quiseram destruir, tem salvado vidas e mais vidas. Se nós não estamos vivendo colapso pior hoje com a pandemia é por causa do SUS. Então, temo que esses danos ao país sejam irreversíveis. Minha perspectiva hoje é dessa angústia e revolta, mas também de esperança. Esperança que estejamos aprendendo com tudo o

que temos vivido. Esperança que a gente sinta, se não pela própria pele, que seja na tristeza de quem está ao nosso lado ou ainda no bolso. Mas que modifiquemos a forma de agir. Dá tempo ainda, precisa dar tempo. Edson Gomes tem uma música que eu gosto muito na qual diz: “Vamos amigo lute, vamos amigo ajude senão a gente acaba perdendo o que já conquistou”.

E eu acho que é essa a hora. Esse levante que eu vejo surgir nas ruas, essa é a hora. A gente só precisa estar lá, só precisamos mostrar para a população que não consegue ter o acesso que alguns de nós temos que essa é a chave da mudança. Esse é o meu lugar hoje, de angústia, também de esperança e de movimento. Tenho me movimentado para que seja possível que a gente volte a ter dignidade a partir da gestão federal, em específico, nesse país.

– Por qual motivo o discurso bolsonarista tem apoio entre policiais? Sabemos que não são todos, que em contraponto existe o movimento de policiais antifascistas, mas é uma situação que acaba gerando inquietação.

– Existe uma cultura dentro das corporações militares que se chama “espírito de corpo”. Temos uma tendência, não é uma regra, a proteger nossos colegas. É uma tendência. Quando uma pessoa se apresenta como militar, olhamos para essa pessoa e, se em algum momento da história daquela pessoa, os ideais dela se associam aos meus, se eu acredito mesmo que aquilo o que ela está falando seja verdade, vou me associar porque é um policial ou alguém como eu e pensa igual a mim. Fato. Nesse caminho, a gente precisa parar para pensar um pouco na formação das polícias. O Brasil criou lá atrás, desde Dom João, forças

militares para proteger o patrimônio, para proteger os chefes de Estado. Elas atuavam na proteção do patrimônio, na proteção da “paz social”. E, durante a ditadura militar, utilizaram essas forças para defender um ideal. Eu não sei o que aconteceu, não sei se eu consigo transcrever isso em dados e números ou numa teoria que dê sustentação ao que eu penso, mas eu não sei o que aconteceu nesse processo que fez com que os policiais militares se transformassem em deuses que estavam acima do bem e do mal e que decidiam quem vive ou quem morre.

Isso são todos? Não. Sou uma policial militar que não pensa assim e conheço diversos, acredito que a maioria não pensa [dessa forma]. Eu sou uma policial que não defendo os ideais do presidente, ainda que este tenha sido um oficial. Mas existem pessoas que defendem e que acreditam que os militares estão acima do bem e do mal, que podem decidir quem vive e quem morre. Não nos aprofundamos na segurança pública como deveríamos e penso que, até hoje, as forças de segurança ainda servem a alguém. Isso a gente precisa mudar. Precisamos trazer um debate sobre a escolha dos chefes dos líderes dessas instituições, para que a escolha não seja feita pelo gestor ou pela gestora. Porque quando eu escolho você para chefiar a minha tropa armada, você me deve honras, responsabilidade, retornos e respostas. Há algum tempo, prefeitos e governadores eram nomeados por indicação e eles deviam a quem os indicava. De igual sorte, é isso.

Então, a gente precisa avançar na construção da segurança pública. Pensar um modelo que seja mais democrático dentro das forças, em que a ingerência externa não seja tão presente e atuante. Assim, as pessoas não darão res-

postas a quem os nomeou, mas à sociedade que é de fato quem merece resposta da tropa. Então, quando a gente olha, temos policiais e militares que estão vendo um colega e entendem que ali há uma possibilidade de representatividade. Da mesma forma como eu estive candidata à prefeitura de Salvador, alguns me viam como colega, mas não enxergavam em mim ideais convergentes com os seus. Não discuto isso e não discuti durante o processo, mas há pessoas que entendem ou por espírito de corpo ou por

A GENTE PRECISA AVANÇAR NA CONSTRUÇÃO DA SEGURANÇA. PENSAR UM MODELO QUE SEJA MAIS DEMOCRÁTICO DENTRO DAS FORÇAS

convergência de ideais, infelizmente, que esse governo que aí está é o governo que os representa. É uma pena. Mas também existem muitos de nós que têm sanidade e que conseguem dividir as coisas.

Não vou falar muito no nome do presidente que aí está ou de ações relacionadas a ele porque eu não sou igual ao General Eduardo Pazuello, que pôde subir no púlpito, reclamar e não ser responsabilizado por isso. Sou

militar da ativa e ativa não posso carregar na minha fala críticas relacionadas ao presidente porque o regulamento pode me penalizar por isso. Espero que chegue o dia - também por isso precisamos de mais democracia dentro das Forças - que eu possa chegar abertamente dizendo o que eu penso. Queria poder falar para que as pessoas pudessem ouvir. A democracia não é incongruente, em nenhum ponto, com a hierarquia e a disciplina. Quando falamos de hierarquia, falamos sobre respeito à liderança. Isso você encontra em qualquer empresa.

– Com relação ao trabalho inovador que a senhora desenvolveu na PM da Bahia, peço que explique como funcionava o projeto Ronda Maria da Penha.

– Vou retroceder um pouquinho para que se possa compreender o contexto. Em 2006, curiosamente no mesmo ano em que nasce a Lei Maria da Penha, a gente consegue emplacar aqui na PM da Bahia um núcleo de gênero, o Centro Maria Felipa. Esse centro foi o primeiro núcleo de gênero dentro de uma instituição Policial Militar e o único até hoje no país. Tinha como responsabilidade pautar as especificidades do feminino para dentro da corporação porque a PM do meu estado ficou 165 anos apenas com homens nos seus quadros. Em outras palavras, não sabia como lidar com uma profissional na PM e precisávamos fazer isso juntos. E o Centro Maria Felipa foi essa ponte. Mas como a gente nasceu no mesmo ano da Lei Maria da Penha, o centro começa a representar a polícia na rede de enfrentamento à violência contra a mulher. E, a partir dessa representatividade, a gente se aproxima da rede e vamos também virar uma porta de entrada para esposas de policiais, para as pró-

prias policiais que estavam em situação de violência.

Por conta disso, começo a estudar mais, a analisar mais como isso se monta e, em 2013, sou apresentada à Patrulha Maria da Penha do Rio Grande do Sul. Essa patrulha preenchia uma lacuna existente na Lei Maria da Penha. A lei trazia como inovação as medidas protetivas de urgências e essas medidas eram um pedaço de papel. O juiz ou a juíza decretava a medida protetiva de urgência e o agressor rasgava aquele papel e descumpria. E não existia uma fiscalização. A patrulha entrou nesse vácuo, entre a emissão da medida e a fiscalização. Eu trago para Salvador essa ideia, converso com o nosso comandante-geral, com o secretário de Segurança Pública, com a secretária de Políticas para Mulheres e a gente cria a Ronda Maria da Penha porque o termo “ronda” é mais correlato às nossas atividades de patrulhamento. Entretanto, o que eu avaliei da minha lógica de atuação e todo o acúmulo que trouxe do Centro Maria Felipa, pude trabalhar no governo Jaques Wagner, na assessoria técnica da Secretaria de Políticas para Mulheres, com entendi que só realizar visitas e fazer o combate não iria resolver o problema.

Estávamos fazendo mais do mesmo, prendendo homens que eram soltos e continuavam violentos. Estávamos fiscalizando medidas protetivas de mulheres que denunciavam e continuavam sofrendo violência. E a gente atrelou, seguindo o que está posto no Plano Nacional de Políticas para Mulheres do governo Lula e do governo Dilma – infelizmente, agora destruído – a gente utilizou o termo de “enfrentamento” nas duas perspectivas: no combate, a viatura com policiais armados e treinados que realizavam visitas; e na prevenção, nós criamos di-

versos projetos e programas relacionais à prevenção da violência contra a mulher. Avalio que exatamente nesse ponto, tornamo-nos referência nacional. Lá em cima, [aponta para uma caixa no alto de uma estante] atrás de mim tem um jogo de tabuleiro que eu criei para poder dialogar com mulheres em situação de violência doméstica já que falar sobre isso é extremamente complexo, as mulheres se sentem adoecidas. Criei um formato lúdico para entenderem quais são

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER AUMENTOU DURANTE A PANDEMIA. E AS POLÍTICAS PÚBLICAS FORAM ENFRAQUECIDAS PELO GOVERNO

os tipos de violências que elas vivem, para entenderem como funciona a rede.

A ronda foi se consagrando nesse espaço que, além de articular o combate com toda a força bélica que a Polícia Militar possa ter, também foi fazendo as pessoas pensarem, pautando a ressignificação cultural. Isso é a Ronda Maria da Penha. Se eu for analisar na perspectiva do ecossistema o que a gente propôs com a Ronda, foi modificar as relações sociais no tocante à práti-

ca do machismo, na perspectiva da violência doméstica e familiar contra a mulher. Foi isso o que fizemos com a Ronda.

– A pandemia tem sido um período de aumento da violência doméstica e diminuição das denúncias sobre esses casos porque as mulheres estão presas com os seus agressores?

– É exatamente essa lógica. Aquela mulher que ficava antes 8 horas do seu dia, 6 horas do seu dia, com o agressor dentro de casa, agora ela tem ficado 24 horas, 20 horas com esse homem dentro de casa. Isso significa dizer que o que aquela mulher entendia que suportava viver de violência, foi agravado em duas, três vezes. Além disso, o fato de a pandemia ter provocado um distanciamento social fez com que muitas mulheres perdessem seus empregos porque as empresas fecharam. Existe o recuo da economia. Mas essas mulheres tiveram que deixar de trabalhar porque os filhos ficaram em casa sob seus cuidados e quando o trabalho retornou, ainda assim os filhos não voltaram para a escola. Então, tivemos um número de desempregadas que foram e que estavam em casa presas com seus agressores, sem dinheiro para ir, inclusive, dar queixa. Elas não tinham como pedir ajuda. Algumas campanhas foram criadas, e eu até discordo tecnicamente de algumas.

Essa mulher não tinha como pedir ajuda, não tinha dinheiro para ir até uma delegacia. Ou seja, não podia denunciar. Então, foi uma intersecção de fatores que fizeram com que as mulheres sofressem mais violência. E não estou falando só da violência física. A sociedade tem uma ideia de que a mulher só sofre violência quando falamos de violência física. Eu tenho certeza de que nesse período aumentou o número de ca-

sos de violência psicológica, de mulheres que foram humilhadas, chantageadas, levadas à beira da loucura dentro de suas casas. Aumentou a violência patrimonial. Essas mulheres que recebem Bolsa Família, não raro, se você parar para reparar nas imagens das filas da Caixa Econômica para retirada do auxílio [emergencial], a maioria das mulheres estava acompanhada de homens. Isso nunca aconteceu. Esses homens nunca falam com elas até a boca da caixa para tirar dinheiro. Tenho certeza de que em grande parte esses homens estavam ali para já retirar da mão delas aquele dinheiro. Estava posta ali a violência patrimonial.

A violência sexual também foi agravada na pandemia com estupro conjugal. Na nossa cultura não conseguimos muito definir o estupro porque a mulher é criada para achar que é obrigação dela ter relações sexuais com seus companheiros na hora que estes querem. Se ela disser não, a rede social dela vai começar a falar “menina, se você não comparecer ele vai procurar outra na rua”. Se ela disser não, ele já vai ficar dizendo que ela tem outro e é capaz até de bater nela por isso ou de tomar a força o “patrimônio” dele. Esse momento, para nós, foi extremamente complexo. E nós acompanhamos isso sozinhas.

Ao contrário de fortalecer a rede de atendimento, houve um enfraquecimento, retirando da rede profissionais para colocar em outros pontos. Foram criadas ações que fragilizam a mulher, como marca de batom na mão. Sou contra, mas algumas pessoas concordam. Se chegar na farmácia e marcar um “x” na sua mão de batom e mostrar, você vai implicar o atendente da farmácia. Ele vai ligar para uma viatura que pode não chegar e aquele agressor pode acabar vendo a marca em sua mão e machucá-la mais. As mulheres ficam sozinhas, iso-

ladas, na solidão durante o processo da pandemia e sofrendo muito, mas muito mais violência doméstica.

– Tivemos esse caso do DJ que veio a público e há uma pressão muito grande da sociedade. Isso é uma demonstração de que a sociedade não está mais tolerando a violência contra a mulher ou esse é um caso muito específico?

– De igual sorte, ele teve um

E ME INCOMODA MUITO QUANDO EU OUÇO — “AH, NOSSA SOCIEDADE ESTÁ DOENTE”. NÃO. ATÉ PORQUE AS DOENÇAS TÊM CURA. É UMA ESCOLHA

impulsioneamento nas redes sociais de quase 300 mil seguidores, depois desse fato. Isso me assusta. É assustador ver aquelas imagens de uma terceira pessoa presenciar toda a violência e nada fazer, não se intrometer, estar ali impassível assistindo como se estivesse em casa vendo um filme. E me incomoda também este DJ ter tido um impulsioneamento em suas redes após aquele fato. Ele deveria ter sido cancelado. Se essa sociedade tivesse mesmo esse comprome-

timento, a gente tinha que ver o cancelamento nas redes sociais. Nós temos muito que evoluir ainda em relação à violência contra a mulher. Enquanto a gente não pautar gênero nas nossas escolas em todos os níveis, do ensino fundamental ao superior, stricto ou lato sensu. Enquanto a gente não dialogar abertamente e retirar a violência doméstica de tabu das nossas relações familiares e começar a falar sobre isso, enquanto essa cultura não for modificada, a sociedade vai continuar agindo e se posicionando desse jeito.

Tenho convicção de que aquela não foi a primeira vez que ele [o DJ] agrediu a mulher. Não foi. Se não tivéssemos aquelas imagens até hoje, estaria na mesma situação. Daqui a pouco, nas redes vão começar a responsabilizar a mulher – “Por que ela voltava? Ela voltava porque gostava”. Não existe isso. Violência doméstica não é matemática. Dois mais dois na violência doméstica pode dar 5 mil fatores que fizeram aquela mulher permanecer num relacionamento abusivo. Então, não é tão simples de se solucionar. Não é chegar e achar que basta fazer isso ou aquilo. Tem muita coisa. Tem as relações familiares dela pressionando, tem o amor que não vou discordar que possa existir.

E me incomoda muito quando eu ouço – “Ah, nossa sociedade está doente”. Não. Eu não vou creditar a violência doméstica a uma doença mesmo porque as doenças têm cura, têm vacina, têm tratamento. A gente está de frente não é com o adoecimento da sociedade, é com a escolha da sociedade. A sociedade escolhe ser violenta. E no caso do machismo, o machismo pauta a escolha dos homens em serem agressores. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública nos diz que a cada 8 minutos uma mulher está em si-

tução de violência no nosso país.

Então, diante daquelas imagens temos que pautar debates, discussões, políticas públicas, o fortalecimento da rede do sistema de Justiça, do sistema de segurança pública. Uma mulher que sofre violência doméstica hoje vai chegar a acessar uma delegacia especializada e qual atendimento ela vai ter? Ela vai solicitar uma medida protetiva ou solicitar apoio do sistema de Justiça e qual apoio é esse que ela vai receber? Qual é o tempo resposta? Qual a quantidade de profissionais que estão alocados nesses espaços? Quantos profissionais existem nos centros de referência? Por que não é pauta prioritária do governo federal o enfrentamento da violência contra a mulher? Por que a gente não para pra refletir se o fato de uma presidenta, a primeira que nós tivemos, ter sido deposta num golpe não foi um ato de misoginia? Por que a gente não pauta isso? Uma mulher foi retirada daquele lugar como prova de que nós não temos políticas de proteção às mulheres, não querem que as mulheres sejam iguais a eles. Então, esse caso do DJ é mais uma oportunidade para debater, mas infelizmente ainda não enxergo uma mudança significativa na sociedade em direção ao enfrentamento da violência contra a mulher. Nós apenas começamos. Ainda sinto que precisamos de muito mais.

– Você pesquisou o racismo na atividade policial militar, para dentro da corporação e na atuação junto à sociedade. Esse é um problema que é parte da estrutura da sociedade brasileira ou é algo que se acentua dentro da corporação?

– Primeiro, é preciso entender que os policiais e as policiais militares não são “aliens”. Eles não vieram de outro planeta. Eles vieram

da sociedade que está posta aí. Se nós vivemos numa sociedade que é racista, misógina, machista, então nós vamos ter pessoas que compõe essas forças que vão trazer esses traços. Mas quando nós estamos vestidos da autoridade que essas forças policiais nos dão, nossas ações têm um impacto social muito maior. Se eu, cidadã, passo na rua e cometo um ato misógino, um ato racista, aquela cidadã será responsabilizada. Mas quando é a instituição que o faz, aquilo passa a ser uma marca

POR QUE NÃO É UMA PAUTA PRIORITÁRIA DO GOVERNO FEDERAL O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?

daquela instituição, como se fosse até uma doutrina da instituição.

Então, quando vou pautar a discriminação racial na escolha do suspeito da atividade policial militar, eu quero que a corporação que eu escolhi servir entenda que nós, instituição, temos que rebater a existência de crimes e o racismo é um crime. E antes disso, é um crime humanitário. Então, nós precisamos entender que enquanto corporação, não podemos ser os promotores daquelas

atitudes. Ainda que meus estigmas pessoais, meus estigmas sociais sejam de ser uma pessoa racista, eu não posso, investido da autoridade da farda, representando a instituição repercutir esses comportamentos.

E quando vou analisar, em um crime específico que foi assalto a ônibus, 45% dos assaltantes eram homens brancos. Por que quando nos é ensinado na sala de aula sobre o que é um suspeito, a ideia que nos constrói, na perspectiva de uma abordagem ambrosiana social, é de um homem jovem negro? Se eu repercuti isso a partir do meu curso de formação, se eu repercuti isso na prática diária do policial, eu vou consolidar o racismo como doutrina dentro da minha instituição. Eu estava no penúltimo ano de formação, no curso de formação de oficiais, e um instrutor de técnica policial militar lança uma pergunta: “O que vocês fariam se encontrassem um carro com cinco ‘negões’?”. Meus colegas, em tom de brincadeira, começaram a falar – “Ah, a gente ‘deitava’ no chão, tapa na cara, coturno no pescoço”.

Eu levantei a mão e perguntei: “Instrutor, por que cinco ‘negões’? E se fossem cinco brancos?”. E ele me responde a frase que dá título à minha dissertação: “Minha filha, branco correndo é atleta. Preto correndo é ladrão”. Dali, no processo de formação, o que aquele instrutor, aquele professor, aquele mediador entre a profissão que a gente escolheu e a nossa ignorância técnica, o homem que iria nos ensinar como fazer estava dizendo para mim que quando eu visse um homem preto, eu olharia para ele como um suspeito. Essa perspectiva está sendo construída em gerações de policiais.

Temos que entender que os estigmas, o racismo que está lá posto fora, não pode ser institucionalizado. E até aqui o foi. As



Ricardo Stuckert

COMPROMISSO “Para mim, não existe outro voto para 2022 que não seja em Lula. Na Bahia, não tem outro candidato”

corporações precisam encarar isso de frente. É tipo alcoolismo. Você não trata o alcoolista sem que ele reconheça que está em processo de vício, de adoecimento, de dependência. A gente não pode tratar os racismos e as discriminações que porventura as corporações militares façam sem olhar para isso e admitir a sua prática. Admitir a sua prática. Nós precisamos ser técnicos. Por isso que eu vou estudar isso, que eu vou pautar isso e que eu vou entregar essa pesquisa a minha corporação para que ela entenda ou não a utilidade do seu uso. Eu sou mãe de um menino negro e eu não quero me assustar todos os dias que o meu filho estiver longe de mim. Eu não quero me assustar quando meu filho pega o carro para ir em uma farmácia a noite, num restaurante, numa balada. Eu quero saber que ele vai ser protegido pelas forças de segurança, não que ele vai ser um alvo delas.

– O que você espera que possa mudar no futuro próximo do Brasil?

– Eu espero que a gente recupere a sanidade e aprenda a votar. Tenho dois números mágicos [fala sorrindo] que podem ajudar nesse processo. Eu quero que a gente vote para que seja possível recuperar aquela dignidade sobre a qual falamos no início dessa conversa. Espero que as pessoas entendam que nós precisamos voltar a evoluir, evoluir enquanto Nação, mas sobremaneira evoluir enquanto seres humanos. Nós estamos estagnados. Nós não temos perspectiva de vida. A juventude está sem esperança, está sem possibilidade de sonhar e aí a gente vê tantas vidas sendo precocemente perdidas porque não existe esperança, não existe alento nos corações dessas pessoas e, claro, nas suas famílias.

Então, para 2022 eu quero que o Brasil reaprenda a votar, que o Brasil eleja pessoas, não eleja histórias, não eleja filhos de

alguém, amigo de alguém ou alguém que me entregou um emprego. Elejam propostas, elejam perspectivas de mudanças reais, ainda mais aquelas que já foram testadas. Para mim, não existe outro voto para 2022 que não seja em Lula. Aqui na Bahia, não existe outro voto se não o de continuidade dos governos petistas. Porque é muito claro o que a gente vê com relação a melhoria da vida das pessoas.

Sou uma mulher da periferia. Moro lá até hoje, vivo lá até hoje. Tive o privilégio de ter um pai e uma mãe que, embora não tenham estudado, sabiam o que era educação. Ouvi meu pai sempre dizendo que esse país só iria melhorar quando seu Luiz Inácio fosse presidente. Eu não sou culpada pelos retrocessos brasileiros porque eu não votei no gestor do governo federal. Quero muito que as pessoas façam olhar para suas próprias vidas e vejam o que de fato mudou nesse período de quatro anos. •



Isabela Arezzo

RESPONSABILIDADE SOCIAL MST organizou cozinha solidária e já arrecadou 5 mil toneladas de alimentos e marmitas

SOLIDARIEDADE ALÉM DA CESTA BÁSICA

Desde o início da pandemia, o MST já arrecadou 5 mil toneladas de alimentos, produzidos nos acampamentos e assentamentos, e 1 milhão de marmitas. Sem a ação do governo, redes de ajuda se espalham em todo o país organizadas pela sociedade civil. Como nos tempos do Betinho

Por Isaías Dalle

Os números mostram, as pessoas sentem: a fome é a outra pandemia que atinge a humanidade nesta quadra histórica. No Brasil, tanto quanto a do coronavírus, a pandemia da fome tem tintas espe-

cialmente dramáticas, em função da ausência de intervenção programática do Estado. Por outro lado, reativou um movimento de solidariedade semelhante àquele que, nos anos 1980, foi iniciado pela liderança do sociólogo Herbert José de Sousa, o Betinho.

Pelas periferias do país, espalhando-se pelas regiões cen-

trais e mobilizando igualmente quem ainda se reconhece protegido dos efeitos da falta de comida, mutirões de coleta de alimentos e doações em dinheiro procuram, desde março do ano passado, amenizar o flagelo.

Porém, mesmo na solidariedade, há diferenças. Muitos reconhecem que não bastam doações



Divulgação/ISA

COMIDA PARA QUEM PRECISA A ong ISA organiza a distribuição de alimentos na favela São Remo, em São Paulo

pontuais, motivadas por crises de consciência ou por razões mercadológicas. Ao contrário de setores que anunciam estas ações em comerciais de televisão, ou de ministros que defendem a destinação de sobras dos ricos para os pobres, movimentos e grupos organizados têm arrecadado e distribuído alimentos conscientes de que além do corpo, é preciso alimentar as consciências.

O MST, desde o início da pandemia, já arrecadou 5 mil toneladas de alimentos, produzidos nos acampamentos e assentamentos, e 1 milhão de marmitas, preparadas em cozinhas coletivas instaladas em periferias urbanas em todo o país. Trata-se de um trabalho que já conta muitos anos, mas aprofundado na pandemia, com o nome de Periferia Viva.

“Junto com a campanha, a gente começou a organizar uma metodologia de trabalho de base. A gente seleciona agentes populares, que são pessoas da própria periferia, que vão cuidar de de-

terminados números de casas, de ruas, elas conhecem o território, conhecem as potencialidades, e junto com esses agentes começamos a organizar hortas urbanas,

A PANDEMIA ACABOU POR APROXIMAR O MST DAS FAVELAS URBANAS NAS GRANDES CIDADES COMO NUNCA ANTES HAVIA ACONTECIDO

bancos populares de alimentos, ações de promoção de saúde da família, contra a violência doméstica. Solidariedade para o MST tem um significado muito amplo”, conta Kelli Mafort, da coordenação nacional do movimento.

Aliás, a pandemia, segundo Kelli, acabou por aproximar o MST das favelas urbanas como nunca antes havia acontecido. A arrecadação, distribuição e preparo de alimentos acabam por se tornar oportunidade para conversar com as comunidades sobre as razões estruturais da fome no Brasil e a necessidade de mudança do modelo, que exige maior suporte à agricultura familiar, reforma agrária e contenção do agronegócio.

Concorrem para o despertar desse debate até mesmo aspectos sensoriais e afetivos. Kelli conta que os moradores das periferias, muitos egressos do campo, marilham-se ao rever alimentos que conheceram na infância e que nunca mais haviam

encontrado nas cidades. “Até comida com sabor de comida de verdade despertam esses sentidos e evocam a importância do direito à terra”, diz.

Experiência parecida têm tido os moradores de periferias que estão recebendo alimentos produzidos pelas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, em São Paulo. A Cooperquivale, cooperativa que agrega 368 famílias quilombolas da região, produz 78 produtos diferentes, como inhame, cará, mandioca, banana.

“Consumidores das regiões centrais que procuram por alimentos orgânicos nem vão reconhecer esses alimentos. Mas as pessoas da periferia vão reconhecer, porque foram expropriadas do campo em algum momento. Tem pessoas das periferias que olham e dizem: nossa, eu lembro disso de quando eu era criança”, relata o antropólogo Frederico Viegas, do Instituto Socioambiental (ISA), que assessorava as famílias da Cooperquivale.

O caso da Cooperquivale traz ainda os reflexos de políticas públicas outrora incentivadas para atacar as raízes estruturais da fome. Esse território quilombola certificado passou a fornecer alimentos para prefeituras do estado de São Paulo a partir da consolidação do Programa de

Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), criados nos governos do PT para garantir a compra de comida de qualidade diretamente de produtores da agricultura familiar.

Segundo Viegas, mesmo com a interrupção das compras por parte de prefeituras, causada pela pandemia, os caminhos traçados pelo PAA e pelo PNAE proporcionam a estrutura logística necessária para que os alimentos sejam atualmente doados para cinco municípios do Vale do Ribeira e também para a população da Favela São Remo, na capital.

Desde março do ano passado, são 157 toneladas de alimentos doadas. Para tornar isso possível, valeu também o fato de o ISA, aproveitando a interrupção das atividades presenciais, ter redirecionado parte da verba de projetos financiados, entre outras organizações, pela União Europeia, para irrigar o trabalho da Cooperquivale. Assim, os quilombolas continuam mantendo a renda do trabalho e pessoas em situação de fome recebem ajuda.

É dessa mistura entre solidariedade e políticas públicas que podem surgir ações transformadoras, na opinião de Tereza Campello, ex-ministra de Desenvolvi-

mento Social e Combate à Fome no governo Dilma. “Vou dar um exemplo lindo: a construção de cisternas pela Articulação do Semiárido (ASA), lá nos anos 1990”, relembra. “O governo Lula se inspirou nessa experiência e construiu um programa de cisternas. Quando o Estado entra, você começa a ter escala, porque as comunidades, sozinhas, não conseguem atender toda a população”, comenta. Na opinião dela, ações como as do MST e da Cooperquivale podem ser incorporadas a futuras políticas públicas.

Como se vê, a solidariedade no combate à fome no Brasil tem se dado, principalmente, entre iguais. Mas, como destacado por Tereza Campello, sem a presença do Estado, há limites. É o caso, por exemplo, de coletivos que atuam em cinco favelas da zona sul de São Paulo.

Em 2020, conseguiram a maior parte das doações junto aos próprios moradores. “Famílias que separavam um pouco do que tinham para quem estava sem nada”, lembra Claudinho Silva, um dos coordenadores do trabalho de arrecadação. Neste ano, em função do empobrecimento crescente, as doações se aproximam do zero. Eis outro desafio: conectar quem precisa aos que podem ajudar. •

Sérgio Amaral

AÇÃO DIRETA E CONJUNTA

A ex-ministra do Desenvolvimento Social Tereza Campello diz que governo e sociedade civil precisam atuar em conjunto para atender as populações mais carentes neste momento de dificuldades da pandemia da Covid





É POSSÍVEL ENFRENTAR E SUPERAR A FOME. DE NOVO

Arquivo

Há menos de sete anos o Brasil era reconhecido mundialmente como o centro emergente de políticas inovadoras de combate à fome e à pobreza. Agora, a população em insegurança alimentar chega a 117 milhões de brasileiros – 55% da população. Temer e Bolsonaro destruíram as políticas sociais

Por Tereza Campello

A pandemia da Covid-19 no Brasil deixará no seu rastro marcas que vão muito além da tragédia sanitária que ceifou a vida de mais de meio milhão de brasileiros. O acirramento do quadro de fome e de insegurança alimentar é gravíssimo e exige ação imediata. O Brasil não pode esperar. Quem tem fome não pode esperar o controle da pandemia.

Lembremos que a Covid-19 alcançou o Brasil, no início de 2020, no seu pior momento. O desemprego atingia 11 milhões de tra-

balhadores, a rede de proteção social estava fragilizada, depois de quatro anos de vigência do congelamento de gastos sociais resultantes da Emenda Constitucional 95 – a Lei do Teto dos Gastos –, as taxas de pobreza cresciam assustadoramente desde 2015. A incapacidade e o descompromisso do governo de Jair Bolsonaro em conduzir o país em meio à pandemia maximizou todos estes problemas.

A crise sanitária da Covid atingiu um Brasil imerso em seu histórico pesadelo: tínhamos acabado de voltar ao Mapa da Fome das Nações Unidas. Dados da Escala Brasileira de Insegurança Alimen-

tar (IBGE) davam conta que em 2017 e 2018 a população em situação de insegurança alimentar tinha saltado de 22,9% para 36,7% dos brasileiros. Com Temer, o país tinha regredido a uma situação pior que a que encontramos no início do governo Lula (35,2%). Foram os desmontes nas políticas públicas de combate ao flagelo da fome que conduziram o Brasil de volta ao triste mapa da ONU.

O governo Bolsonaro e a pandemia acirraram e aceleraram este quadro. Em dezembro de 2020, ainda com a vigência do auxílio emergencial, a população em insegurança alimentar chegou a 117 milhões de brasileiros (55%).

Deste total, 43 milhões viviam com fome ou comiam menos do que precisavam para viver – insegurança alimentar grave ou moderada.

Relatório da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) publicado este mês reafirmam os dados. Certamente a situação atual está ainda pior, considerando que o desemprego continuou crescendo e superou a casa de 15 milhões, enquanto outros 6 milhões de adultos desistiram de trabalhar por não encontrarem oportunidades e 34,2 milhões vivem na informalidade. O relatório “O vírus da Fome”, da Oxfam, divulgado na semana passada aponta para o risco do Brasil se tornar o centro emergente da fome no mundo.

Há menos de sete anos éramos reconhecidos mundialmente como o centro emergente de políticas inovadoras de combate à fome e à pobreza. A FAO atribuiu o sucesso do Brasil, que saiu do Mapa da Fome em 2014 – durante o governo do PT –, a um conjunto multidimensional de políticas, dentre as quais se destacam:

- 1) Liderança e prioridade política com recursos orçamentários compatíveis com o tamanho do desafio;
- 2) Aumento da renda da população garantindo acesso a alimentos, através da geração de 20 milhões de empregos, aumento do salário mínimo em 74% acima da inflação e programa Bolsa Família;
- 3) Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que chegava a 43 milhões de crianças e jovens;
- 4) Fortalecimento da Agricultura familiar com crédito e compras públicas, e;
- 5) Gestão intersetorial, participação e controle social com o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), extinto no governo Bolsonaro. Todas as frentes destacadas

pela FAO, por tornarem possível a superação da fome, foram dizimadas por Temer e Bolsonaro.

A calamidade da fome não teve origem e não pode ser atribuída ao vírus. Confirmando 70 anos depois o que ensinava Josué de Castro, a fome não é um fenômeno natural ou biológico. É fruto de decisões políticas e da destruição de políticas públicas.

Frente à crise aguda e ao descompromisso do governo Bolsonaro, a população pobre e vulnerável tem conseguido se manter

FOI CRIMINOSA A DESTRUIÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR, PELO GOVERNO BOLSONARO. FIGAMOS SEM INSTRUMENTOS

graças à rede de solidariedade que se formou na sociedade. ONGs, movimentos sociais, sindicatos, na maioria com forte vínculo com as periferias, estão mobilizados. A solidariedade é estratégica e necessária para aliviar o sofrimento, mas não garante o direito humano a alimentação adequada.

Foi criminosa a destruição do Sistema Nacional de Segurança Alimentar, o SISAN, que poderia estar coordenando nacionalmente as diferentes frentes das políticas municipais, estaduais e federais e

integrando-as com o esforço de milhares de iniciativas da sociedade civil. Com o SISAN operando, o governo poderia, por exemplo, ter se antecipado propondo medidas para evitar a disparada do preço de alimentos e garantir o abastecimento da população.

Mas Jair Bolsonaro e Paulo Guedes preferiram viabilizar o lucro extra dos exportadores. O governo poderia ter pactuado e construído soluções para garantir refeições de qualidade para as 43 milhões de crianças que ficaram sem alimentação escolar com o fechamento das escolas. Poderia ter viabilizado soluções para manter as compras públicas de alimentos e evitar a interrupção das cadeias de fornecimento da agricultura familiar. Enfim haveria coordenação, interação e vontade política.

Em vez disso, assistimos incredulos o ministro da Economia tentar tirar vantagens da tragédia humanitária da fome e aproveitar para solucionar os estoques mal planejados da rede varejista. Ou tentar “emplacar” o velho pleito de supermercadistas de flexibilizar as regras de prazo de validade para otimizar lucros. Com Guedes, vemos o retorno ao assistencialismo e o padrão “Ilha das Flores”, onde o que cabe aos pobres é o lixo e os restos, devidamente processados e higienizados.

É inexorável que se implemente imediatamente medidas, atuando em duas frentes, com a retomada do auxílio emergencial de R\$ 600 e das experiências bem sucedidas vitoriosas no combate à fome. Defendemos o direito à acesso a alimentação em quantidade e qualidade. O direito à comida de verdade. E isto só é alcançado se for garantido pelo Estado, com regularidade, políticas continuadas e com escala. Sabemos que é difícil, mas é possível e pode ser feito. Os governos do PT fizeram. •

Economista, foi ministra do Desenvolvimento Social no governo Dilma (2010-2016)



Divulgação

720 MILHÕES DE FAMINTOS

Como o mundo chegou nesse ponto? Além da Covid, há outros fatores para o aumento da insegurança alimentar: a crise econômica, os conflitos armados e as mudanças climáticas. Dificilmente as nações erradicarão a fome até 2030, apesar das metas da ONU

Por José Graziano da Silva

O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no mundo, mais conhecido por SOFI, sigla em inglês para State of Food Security and Nutrition, é de longe a publicação mais importante da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). O último relatório, relativo a 2020, foi divulgado em 12 de julho, em Nova York, durante o fórum de alto nível político das Nações Unidas, que é a reunião mais importante que precede

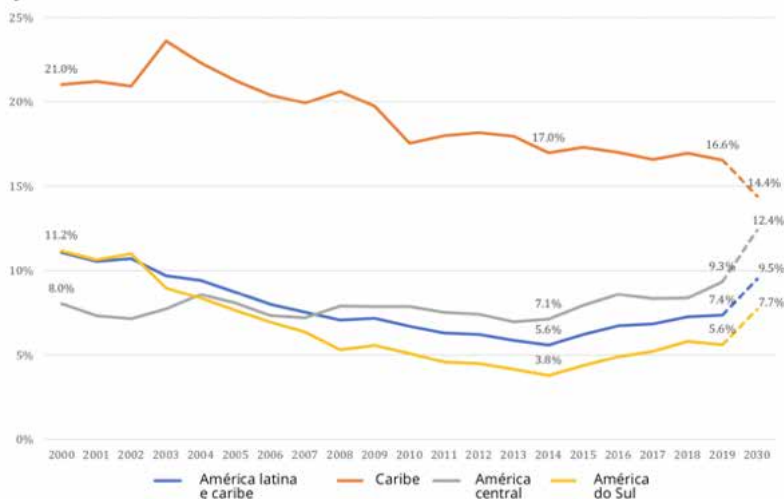
a reunião da Assembleia Geral da ONU em setembro.

O SOFI passou a ser divulgado nessa reunião de julho nos últimos três anos. Tive a oportunidade de fazer a mudança em 2019, num dos meus últimos atos ainda como diretor-geral da FAO. Antes, o relatório era divulgado apenas em 16 de outubro, no Dia Mundial da Alimentação. O relatório é uma publicação de cinco agências internacionais do sistema ONU. Liderada pela FAO, participam também o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), o Programa Mundial de Alimentos

(PMA), todas sediadas em Roma. Duas outras organizações das Nações Unidas também assinam a publicação: a UNICEF, órgão para a infância, e a OMS, Organização Mundial da Saúde.

Bem antes da pandemia começar, já se sabia que o mundo caminhava na contramão da erradicação da fome e do desenvolvimento de uma agricultura sustentável para 2030. Desde 2014, ironicamente o ano que os países se puseram de acordo para alcançar os objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS), em substituição aos objetivos do

Evolução da prevalência de insegurança alimentar severa e moderada na população mundial - Escala FIES



Fonte: Relatório SOFI 2021

milênio (ODM), os indicadores da segurança alimentar e nutricional começaram a piorar em função da crise econômica que se enfrentava. É esse o fator principal do aumento da insegurança alimentar ao lado dos conflitos armados (*gráfico acima*).

O ano de 2021 também se destaca um terceiro ponto, o impacto das mudanças climáticas na insegurança alimentar. Isso obviamente varia de região para região. Na América Latina, por exemplo, onde os conflitos armados não são importantes, como nos países do Oriente Médio, o fator que explica o aumento da fome é a recessão econômica. Mas áreas como a sub-região andina foram duramente afetadas pelas mudanças climáticas, como também ocorre na costa leste da África – países como Etiópia, Somália que são já duramente castigados pelas secas prolongadas e altas temperaturas (*gráfico na próxima página*).

A pergunta que o SOFI procura responder este ano é: como o mundo chegou nesse ponto? Os números apresentados mostram que o principal indicador de prevalência de subnutrição, indicado pela sigla em inglês PoU (Prevalence of Undernourishment), subiu de 8,4% para cerca de 9,9%. Isso leva a estimativa de quase 10% da popu-

lação mundial, um número global absoluto que oscila em torno de 720 milhões de pessoas no mundo, passando fome. Significa quase 120 milhões de pessoas sem comida no ano passado em relação a 2019, antes da pandemia.

Tal aumento não é atribuído apenas à crise sanitária da Covid porque também nesse período de 2020 aumentaram os conflitos, particularmente do Oriente Médio e na África. E também cresceu o

A INSEGURANÇA ALIMENTAR NO PLANETA SALTOU PARA 30%: 1 EM CADA 3 PESSOAS NÃO TIVERAM ACESSO À COMIDA DE MANEIRA ADEQUADA

impacto das mudanças climáticas em várias regiões do planeta, inclusive na Ásia, a região mais populosa do mundo.

O indicador mais importante para a América Latina e Caribe – e, portanto, também para o Brasil – é o da insegurança alimentar moderada ou grave, com base na escala de experiência em segurança alimentar (FIES). Segundo o relatório, em 2020, o ano em que a pandemia se espalhou, houve um aumento da insegurança alimentar moderada e grave numa proporção quase igual ao aumento acumulado dos últimos 5 anos.

Ou seja, a insegurança alimentar moderada e grave saltou para 30%, quase que 1 de cada 3 pessoas no mundo não tiveram acesso à alimentação adequada em 2020. É um aumento de 320 milhões de pessoas em apenas um ano.

A insegurança alimentar grave afetou quase 40% dessas pessoas: 920 milhões de pessoas no mundo enfrentam insegurança alimentar em níveis graves, o que corresponde a 12% da população mundial. São quase 150 milhões de pessoas a mais das que sofriam insegurança alimentar grave em 2020 em relação a 2019. São aqueles que estão passando fome.

É interessante observar que os aumentos da insegurança alimentar moderada ou grave entre 2019 e 2020 foram mais acentuados na América Latina e no Caribe. Houve um aumento de 9 pontos percentuais. Enquanto na África, que vem em seguida, houve um aumento de apenas 5 pontos percentuais e apenas 3% na Ásia.

Mesmo na América do Norte e na Europa, onde se encontram as menores taxas de insegurança alimentar no mundo, a prevalência da segurança alimentar aumentou pela primeira vez desde que a FAO começou a coletar os dados da FIES em 2014.

Neste ano também, o Estado da Segurança Alimentar e Nutricional

procura indicar o número de pessoas que não podem pagar uma dieta saudável e o custo. Como resultado do alto preço das dietas saudáveis, juntamente com altos índices de desigualdade de renda, estima-se que cerca de 3 bilhões de pessoas não puderam pagar uma dieta saudável em 2019 – não foi possível estimar ainda esses valores para 2020.

A maioria vive na Ásia e África, embora uma dieta saudável esteja também fora do alcance de milhões na América Latina. Estima-se que 113 milhões de pessoas na América Latina e Caribe não tiveram acesso ou não puderam pagar por uma dieta saudável em 2019. É uma incongruência com uma região que é a maior exportadora de alimentos do mundo.

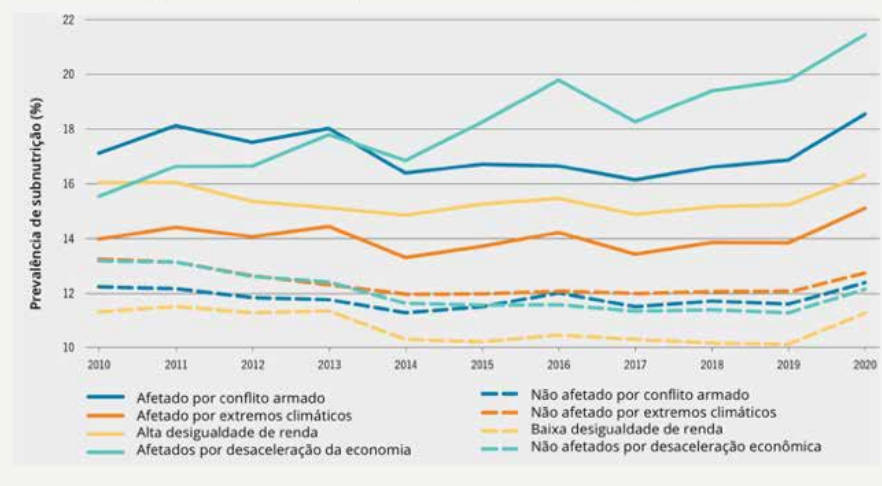
As projeções para o pós-pandemia...

Além de apresentar os novos dados para o ano passado, o SOFI 2021 faz também projeções até 2030 quando se pretende atingir a erradicação da fome no mundo. Como já sabíamos antes, isso não será alcançado se não houver uma mudança radical na atual situação de insegurança alimentar e nutricional no mundo.

As projeções indicam que depois do pico de 2020, que atingiu 10% da população mundial passando fome, os números tenderiam a diminuir, chegando a um valor de 660 milhões em 2030. É muita gente! É um número similar ao que nós tínhamos em 2019, antes da pandemia... Ou seja, "business as usual" não vai acabar com a fome e a miséria no planeta!

É interessante notar pelas projeções do SOFI para as diferentes regiões do mundo, praticamente todas vão diminuir ligeiramente a fome nos próximos 10 anos, com exceção da África, onde a projeção para 2030 é de um aumento do número total em relação a esse pico em 2020.

Fatores como conflitos armados, extremos climáticos, concentração de renda e desaceleração econômica na prevalência de subnutrição



Fonte: Relatório SOFI 2021

A África é considerada uma região que vai se igualar ao número de famintos existentes na Ásia no final da década, com 300 milhões de pessoas em cada uma dessas regiões, embora a população na Ásia seja muito superior à população africana.

Segundo o SOFI, a principal razão desse insucesso de erradicação ou pelo menos de diminuição da fome até 2030 – ou ainda uma melhoria dos índices de nutrição – se deve à maior desigualdade no acesso aos alimentos. E isso tem muito a ver com a piora na concentração de renda nos países pobres e de renda média.

Regiões inteiras como a América Latina, particularmente na América do Sul a principal causa do aumento da fome é a questão econômica, não é a de falta de produção de alimentos. Pelo contrário. Há um grande excedente de alimentos produzidos, mas os mais pobres não têm acesso porque não podem pagar por uma dieta saudável. Então, não só aumenta a fome, mas paradoxalmente aumenta a obesidade, principalmente de crianças e mulheres em idade reprodutiva.

Segundo o SOFI, globalmente pode se dizer que apenas uns poucos indicadores de nutrição têm melhorado ou terão melhora

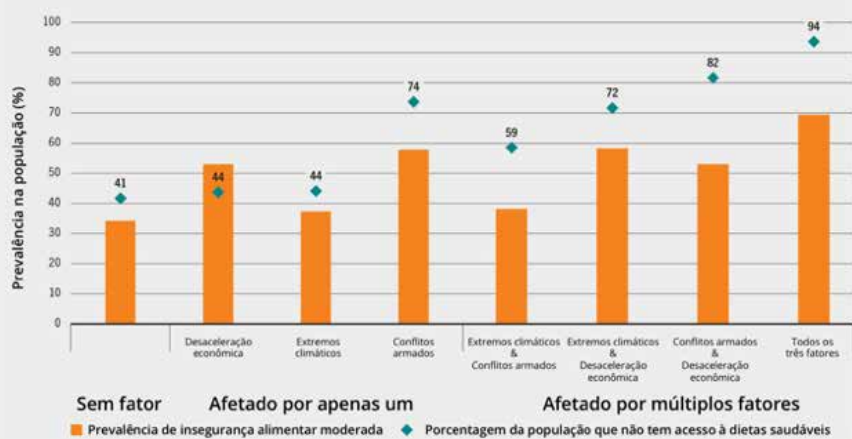
expressiva no restante da década, a continuarmos com as políticas e os sistemas alimentares existentes. Daí a esperança depositada na Cúpula Mundial da Alimentação que se inicia agora, no final de julho, uma pré-cúpula em Roma, na FAO, e depois será a cúpula em setembro, após a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York.

As causas do aumento da insegurança alimentar

Segundo o relatório 2021, a desaceleração econômica no ano passado, agravada pela pandemia da Covid, os conflitos e as mudanças climáticas são os principais fatores causas que estão por trás do aumento recente da fome nos anos recentes e da reversão do progresso que se verificava até 2014. Essa influência adversa dos conflitos, das mudanças climáticas e da desaceleração econômica é agravada pela persistência de altos níveis de desigualdade social e econômica nos países mais pobres e de renda média.

O trabalho da FAO destaca com ênfase que são os países que têm alta concentração da distribuição de renda, aqueles onde mais houve o aumento da fome durante a pandemia. A crise sanitária serviu para ilustrar a importância dessa persisten-

Fatores como conflitos armados, extremos climáticos, concentração de renda e desaceleração econômica na prevalência de subnutrição e acesso à dieta saudável



Fonte: Relatório SOFI 2021

te desigualdade estrutural em nossas sociedades do terceiro mundo.

Além disso, milhões de pessoas também sofrem insegurança alimentar e nutricional porque não podem pagar o custo das dietas saudáveis. Esse é um elemento presente mesmo na sub-região da América do Sul, atualmente o grande celeiro mundial, o grande exportador de carne e grãos para todas as outras regiões do mundo: o alto custo dos alimentos saudáveis. De modo que mais de 113 milhões de pessoas na região não podem pagar por uma alimentação de melhor qualidade.

Em resumo, a pobreza e a desigualdade da distribuição da renda são os fatores estruturais subjacentes que amplificam o impacto negativo dos outros fatores. Ou seja, onde há mudanças climáticas que afetam a produção de alimentos, é a pobreza e a desigualdade da distribuição da renda que tornam as coisas ainda piores.

Como já havia sido destacado nas edições anteriores, o SOFI 2021 reafirma que a “pobreza e desigualdade são as causas estruturais subjacentes da insegurança alimentar e da desnutrição em todas as suas formas, que amplificam

os impactos negativos dos impulsores globais dos conflitos e mudanças climáticas”. A pobreza tem um impacto negativo na qualidade nutricional das dietas. Sem surpresa, dietas saudáveis são inacessíveis para os pobres em todas as regiões do mundo.

“A insegurança alimentar e a desnutrição em todas as suas formas são agravadas por altos e persistentes níveis de desigualdade. A desigualdade de renda,

EM REGIÕES COMO A AMÉRICA LATINA, A PRINCIPAL CAUSA DO AUMENTO DA FOME É A QUESTÃO ECONÔMICA, E NÃO A FALTA DE ALIMENTOS

em particular, aumenta a probabilidade de insegurança alimentar – especialmente para grupos socialmente excluídos e marginalizados – e diminui o efeito positivo de qualquer crescimento econômico na segurança alimentar individual”, diz o texto.

Vulnerabilidades estruturais, incluindo desigualdades relacionadas a gênero, juventude, etnia, povos indígenas e pessoas com deficiência, tendem a exacerbar a pobreza, a insegurança alimentar e a desnutrição durante os períodos de desaceleração e desaceleração econômica ou após conflitos e desastres relacionados ao clima. Além disso, esses níveis de desigualdade estão sendo acelerados pela pandemia de Covid-19”.

O que fazer?

O SOFI aborda também o que é preciso fazer para transformar os sistemas alimentares atuais de modo a garantir segurança alimentar e nutricional a todos e também o acesso a dietas saudáveis para todos e aponta seis caminhos através dos quais podem ser transformados para garantir a segurança alimentar e nutricional e acesso a dietas saudáveis:

1. Integração de políticas humanitárias de desenvolvimento e de consolidação da paz nas áreas afetadas por conflitos armados. Essa política de integração humanitária de desenvolvimento e paz tem muita importância nos países africanos e no Oriente Médio.
2. Ampliação da resiliência climática em todos os sistemas alimentares, ou seja, tornar os sistemas agrícolas mais resilientes, isto é, mais resistentes às mudanças climáticas, principalmente às secas.
3. Fortalecimento dos mais vulneráveis, que sofrem mais com as adversidades econômicas, com as políticas de transferência de renda e de melhora na

“ O TRABALHO DA FAO DESTACA COM ÊNFASE QUE SÃO OS PAÍSES QUE TÊM ALTA CONCENTRAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA, AQUELES ONDE MAIS HOVE O AUMENTO DA FOME DURANTE A PANDEMIA ”

José Graziano,
ex-diretor-geral da FAO

Arquivo/FAO

distribuição da renda.

4. Intervenção ao longo das cadeias de abastecimento de alimentos para reduzir o custo de alimentos saudáveis, de alimentos nutritivos. Basicamente transferindo subsídios que hoje são dados às commodities, que são produtos de exportação para aqueles produtos produzidos localmente, nas proximidades onde vivem as pessoas pela proximidade da agricultura familiar. Então, uma transferência de subsídios da grande produção agroindustrial para a agricultura familiar.

5. Combate à pobreza e à desigualdade, que são estruturais na maioria dos países de ingresso médio e pobres, garantindo que as intervenções sejam mais em prol dos pobres e mais inclusivas.

6. Fortalecimento dos ambientes alimentares e mudança do comportamento do consumidor para promover padrões alimentares com impactos positivos na saúde humana e no meio ambiente.

Há um item muito importante assinalado no SOFI 2021 que é a necessidade de mudança de comportamento do consumidor.

Isso é considerado fundamental e implica em intervenção pública nos padrões hoje existentes de propaganda dos alimentos principalmente para crianças e na rotulagem desses alimentos, deixando explícito o conteúdo principalmente do alto teor de açúcar, de sal e de gordura contidos nos alimentos.

Direção errada

A conclusão do SOFI 2021 é de que faltando menos de uma década para 2030, o mundo não está a caminho para acabar com a fome e desnutrição. Estamos, pelo contrário, caminhando na direção errada. O relatório mostra que a desaceleração econômica como consequência das medidas de contenção da Covid em todo o mundo contribuíram muito para um dos maiores aumentos da fome nas últimas décadas, o que afetou quase todos os países de baixa e média renda e pode reverter os poucos ganhos obtidos na nutrição dos últimos anos.

O SOFI 21 alerta ainda que a pandemia da Covid é apenas a ponta do iceberg. O que é mais alarmante é que a crise sanitária expôs as vulnerabilidades que se formavam nos nossos sistemas alimentares nos últimos anos

como resultados de importantes fatores como os conflitos, as mudanças climáticas e a desaceleração econômica. Essas são as reais causas e fatores que estão ocorrendo cada vez mais e simultaneamente nos países com interações que comprometem a segurança alimentar e nutricional. Um dos elementos agravantes disso como mostra o relatório é a concentração da renda, principalmente nos países mais pobres e de ingresso médio. Entre eles, os países da América do Sul e o Brasil...

Por falar de Brasil, o relatório apresenta também os novos dados para o país em 2020. Eis o número de pessoas no Brasil em situação de insuficiência alimentar grave ou severa: 3,5% ou 7,5 milhões de pessoas. Quanto à insuficiência alimentar moderada e grave, a FAO aponta um contingente de 23,5% – 49,6 milhões de pessoas. É muita gente passando fome ou comendo mal no Brasil, um dos maiores exportadores de alimentos do mundo. •

Agrônomo, professor e escritor, é ex-ministro extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome no governo Lula (2002-2010) e ex-diretor da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) entre 2012 e 2019.

A FOME AUMENTOU NO MUNDO SEIS VEZES

Relatório da Oxfam revela que 11 pessoas morrem a cada minuto por desnutrição. É quase o dobro do número de óbitos por Covid a cada 60 segundos: 7 registros. Estima-se que o número de pessoas que vivem em extrema pobreza atingirá 745 milhões até o final de 2021. É a população dos EUA e do Brasil

Por Artur Araújo

Publicado em 9 de julho e produzido pela Oxfam, o relatório *The Hunger Virus Multiplies* (O Vírus da Fome Se Multiplica, acessível [aqui](#)) destaca dois números de grande impacto. Estima-se que, mundialmente, morram de fome ou desnutrição 11 pessoas a cada minuto. É mais do que os óbitos por Covid, que estão na faixa de 7 por minuto. Outro dado chocante é que houve um incremento de seis vezes no número de pessoas em situação de fome em relação a 2020.

Em síntese, a Oxfam identifica “três Cs letais”: conflito, covid e crise climática. O colapso econômico provocado pela pandemia foi o segundo principal impulsionador da crise global de fome, aprofundando a pobreza e expondo a crescente desigualdade em todo o mundo. Estima-se que o número de pessoas que vivem em extrema pobreza atingirá 745 milhões até o final de 2021, um aumento de 100 milhões desde o início da pandemia.

Grupos marginalizados, especialmente mulheres, pessoas deslocadas e trabalhadores informais, foram os mais atingidos. Cerca de 2,7 bilhões de pessoas não receberam nenhum apoio financeiro público para lidar com a crise econômica gerada pela pandemia.

Segundo a organização internacional, 155 milhões de pessoas em todo o mundo vivem em situação de insegurança alimentar, superando em 20 milhões os números do ano anterior. As guerras e os conflitos ainda são os principais responsáveis por tal situação. No entanto, as consequências da pandemia também se fazem presentes: desemprego súbito e acelerado, crise na distribuição por colapsos de redes logísticas e um aumento médio de 40% nos pre-

ços dos alimentos, o maior salto em mais de uma década.

Essa explosão de preços, segundo a entidade, foi impulsionada pelo aumento da demanda por biocombustíveis, bloqueios e fechamento de fronteiras que continuam a interromper o fluxo de alimentos. “A inflação está tornando os alimentos inacessíveis para muitas pessoas, mesmo quando estão disponíveis”, reporta.

“Os preços mais altos não geraram necessariamente lucros maiores para os produtores de ali-

O COLAPSO ECONÔMICO PROVOCADO PELA PANDEMIA FOI O SEGUNDO PRINCIPAL IMPULSIONADOR DA CRISE GLOBAL DE FOME

mentos, especialmente os pequenos agricultores que não tinham dinheiro para comprar sementes e fertilizantes ou transportar seus produtos para os mercados”, explica o relatório da Oxfam. “Sem instalações de armazenamento adequadas ou acesso aos mercados, os agricultores foram forçados a vender a qualquer preço, mesmo com prejuízo, ou a assistir ao apodrecimento de suas safras.”

Gabriela Bucher, diretora executiva da Oxfam, alerta: “A pandemia também revelou a profunda

desigualdade em nosso mundo. A riqueza das 10 pessoas mais ricas – nove das quais são homens – aumentou em US\$ 413 bilhões no ano passado. Isso é 11 vezes mais do que o que a ONU diz ser necessário para toda a sua assistência humanitária global”.

O relatório identifica o que denomina epicentros emergentes da fome, entre os quais estão países de renda média, como Índia, África do Sul e Brasil, também marcados por forte incidência de contaminação, adoecimento e mortes por Covid-19.

No caso brasileiro, a ONG ressalta o fechamento de micro e pequenas empresas, intensivas em empregos, que levou à forte queda na renda do trabalho. A pobreza extrema teve um salto e muitos milhões de pessoas foram lançadas de volta à fome.

Na Índia, a espiral de contaminação levou o sistema nacional de saúde ao colapso e houve acentuada perda de emprego entre trabalhadores migrantes e agricultores, que foram forçados a abandonar suas plantações no campo, agravando a crise de abastecimento alimentar. Mais de 70% das pessoas pesquisadas em 12 estados da quele país sacrificaram sua dieta porque não podiam pagar pela comida. O fechamento de escolas também privou 120 milhões de crianças de sua refeição principal.

“Mulheres e meninas são especialmente afetadas, muitas vezes comendo por último e comendo menos”, afirma Gabriela Bucher. “Para evitar mortes desnecessárias e milhões de pessoas sendo empurradas para a pobreza extrema e a fome, os governos têm que deter esta doença mortal; uma vacina do povo nunca foi tão urgente. Eles devem simultaneamente construir sistemas alimentares mais justos e sustentáveis e apoiar programas de proteção social.” •



ACUADO

Reprodução

Internado por obstrução intestinal, Bolsonaro ainda não deu explicações sobre o escândalo de corrupção no governo e nem sobre as novas suspeitas que mostram o envolvimento até de um reverendo enrolado com a venda de vacinas superfaturadas

O presidente Jair Bolsonaro encerrou a semana num leito do hospital Sírio Libanês, em São Paulo, com obstrução intestinal decorrente de uma inflamação do intestino.

Está de molho, pode até vir a ser eventualmente operado, mas nem por isso parou de atuar nas redes sociais. Continua freneticamente postando fotos de suas andanças pelos corredores do hospital e tentando se defender das suspeitas que envolvem a compra de vacinas pelo governo. Nos últimos dez dias, a CPI da Covid esbarrou em novas evidências e está avançando nas investigações sobre a corrupção no Ministério da Saúde.

Na noite de quarta-feira, o Jornal Nacional, da TV Globo, trouxe novas revelações sobre o escândalo no governo. Mensagens no celular de Luiz Dominghetti, o policial militar de Minas Gerais

que estava negociando a venda de vacinas da AstraZeneca – e acusou o ex-diretor do Ministério da Saúde Roberto Ferreira Dias de pedir propina de US\$ 1 por dose, em 25 de fevereiro –, indicam que o grupo procurou diretamente Bolsonaro para negociar a venda de vacinas.

O elo entre a empresa americana Davati, que estava intermediando os imunizantes mesmo sem o reconhecimento da farmacêutica, e o presidente Jair Bolsonaro para tratar do negócio de compras da AstraZeneca seria o reverendo Amilton Gomes de Paula. Foi ele quem teria apresentado Dominghetti a integrantes do Ministério da Saúde. Amilton foi convocado a depor na CPI e seu depoimento estava marcado para quarta-feira, 14, mas, ele apresentou um atestado médico que o impediria de depor por 15 dias. Deve ser ouvido só em agosto.

Na terça-feira, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Luiz Fux, concedeu habeas corpus, autorizando o silêncio parcial do reverendo Amilton Gomes de Paula e do tenente-coronel Marcelo Blanco, ex-assessor do Ministério da Saúde.

Uma das mensagens do celular do PM traz um diálogo dele com Cristiano Alberto Carvalho, representante da Davati no Brasil. Em 13 de março, Dominghetti envia mensagem a Cristiano: “Estão viabilizando sua agenda com presidente [Jair Bolsonaro]”, Cristiano responde em áudio, pedindo a confirmação: “Dominghetti, por favor, verifica para mim se o presidente vai atender hoje ou amanhã ou até na terça, porque aí eu preciso mudar o voo e preciso reservar o hotel, tá bom? Obrigado”. Ainda no mesmo dia, Cristiano envia áudio ao PM parceiro. “Dominghetti, agora nós precisamos aí... O reve-



Reprodução



Reprodução

LIGAÇÕES PERIGOSAS O senador Flávio Bolsonaro, ao lado do reverendo Amilton Gomes de Paula (à direita), diretor da Secretaria Nacional de Assuntos Humanitários, uma organização social autorizada pelo diretor do Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis Laurício Monteiro Cruz, do Ministério da Saúde (no meio, de gravata lilás), a negociar 400 milhões de doses da AstraZeneca, em negócio suspeito mediado pela Davati

rendo está falando que está marcando um café da manhã com o presidente amanhã, às 10h, 9h, sei lá, que vai ter um café com os líderes religiosos e a gente vai entrar no vácuo, tá? Agora tem que fazer ele confirmar isso aí para a gente colocar uma pulguinha atrás da orelha do presidente, tá?"

A CPI quer saber qual o grau de proximidade do reverendo com o presidente. Os senadores já sabem que o diretor de Imunização do Ministério da Saúde, Laurício Monteiro Cruz, deu autorização ao reverendo Amilton para negociar 400 milhões de doses da AstraZeneca em nome do governo brasileiro. Ele está à frente da Secretaria Nacional de Assuntos Humanitários (Senah), que embora tenha nome de órgão público, é uma organização social sediada em Brasília. O reverendo, fundador e presidente da Senah, esteve no Ministério da Saúde em 4 de março, junto com Dominghetti, conforme fotos publicadas nas redes sociais (acima). Ele afirma que se reuniu com representantes da pasta "para articulação mundial em busca de vacinas".

Amilton tem ligações históricas com o bolsonarismo. Em 2018, era filiado ao PSL de Brasília – a mesma legenda pela qual Bolsonaro disputou e venceu as últimas eleições presidenciais –

e pela qual foi eleita a deputada federal Bia Kicis (PSL-DF), presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara e ponta de lança da guerra travada pelo bolsonarismo contra autoridades do Judiciário e adversários do presidente nas redes sociais. Também tem ligações com a deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP), outra integrante da tropa de choque do bolsonarismo. Por fim, ainda é próximo do filho do presidente, o senador Flávio Bolsonaro (Patriota-RJ).

A Senah não negociou só com o governo federal as doses de vacinas. Ela também ofereceu os imunizantes – no valor de US\$ 11 a unidade, com prazo de entrega de até 25 dias – para prefeituras e governos estaduais, Brasil afora – conforme revelou a *Agência Pública*. O valor seria três vezes superior aos imunizantes adquiridos pelo governo federal para a mesma vacina da AstraZeneca com a Fiocruz: US\$ 3,16. Pelas mãos da Senah, a dose contra a Covid custa o dobro do valor do Instituto Sêrum, de US\$ 5,25.

Aparentemente, em 15 de março, o reverendo teria obtido uma agenda com Bolsonaro no Planalto, junto com líderes religiosos para um encontro de duas horas. O nome de Amilton não consta oficialmente entre os participantes

do evento. No mesmo dia, às 17h, Dominghetti pergunta a um auxiliar do reverendo Amilton: "Como foi a visita do reverendo ao O1?". E o interlocutor responde: "O reverendo nesse momento está com o O1". O interlocutor seria Amauri, identificado na agenda de Dominghetti, como "Amauri vacinas embaixada", uma referência a outro nome usado pela Senah, de Embaixada Mundial pela Paz.

Em 16 de março, Dominghetti conversou diretamente com o reverendo. Questionado sobre o andamento das negociações, Amilton diz: "Ontem falei com quem manda! Tudo certo! Estão fazendo uma corrida compliance da informação da grande quantidade de vacinas!"

Na segunda-feira, 12, ao ser indagado pela imprensa sobre o reverendo Amilton, o presidente Jair Bolsonaro disse: "Olha, se eu vi a cara dele, pode ser que eu lembre de algum lugar, mas não estou lembrado dele no momento. Eu sei que ele não vai depor nesta semana, por um problema não sei por que alegou. Pediu para adiar o depoimento. Eu desconheço". À Globo, o reverendo negou que tenha conversado sobre vacinas com o presidente. Mas não soube explicar a quem se referia ao falar que havia conversado "com quem manda". •



MENTIRAS SINCERAS O General Eduardo Pazuello disse que jamais recebeu empresários para negociar vacinas. Um vídeo em poder da CPI mostra o contrário. Ele não só esteve reunido como negociou preços dos imunizantes

CPI: POR QUE COMPRAR VACINAS DE INTERMEDIÁRIOS?

Em plena crise sanitária, com 540 mil mortos, o governo procurou empresas terceirizadas para adquirir imunizantes, por preços superfaturados. Pazuello mentiu ao dizer que não recebia empresas para tratar de negócios. Um vídeo mostra que ele esteve prestes a comprar doses da Coronavac mais caras

Negacionismo, não. Negócio mesmo. À medida em que avançam as apurações da CPI da Covid, crescem os indícios de que o governo Bolsonaro viu nas vacinas uma oportunidade de assaltar os cofres públicos. No caso dos imunizantes, a estratégia teria sido a de atrasar as negociações diretas com laboratórios e, mais tarde, priorizar contratos

que passassem por uma empresa intermediária, facilitando assim compras superfaturadas. O Brasil atingiu esta semana a triste marca de 540 mil mortos.

“O que nós vimos foi a troca da negociação direta pela intermediação. É uma situação que se repete”, chama a atenção o senador Rogério Carvalho (PT-SE). De fato, o governo tratou de forma diferente as negociações diretas

com os fabricantes e as que passavam por atravessadores.

Quando a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) ofereceu ao Brasil 40 milhões de doses por meio do consórcio Covax Facility, Bolsonaro fez pouco caso e acabou comprando apenas 4 milhões de doses. Também, quando a Pfizer e o Instituto Butantan ofereceram os imunizantes, o governo sistema-

ticamente ignorou dezenas de contatos.

Com a vacina indiana Covaxin foi diferente. Como a empresa não tinha representação no país, a venda necessitaria de uma segunda empresa que fizesse a negociação. Foi aí que surgiu a Precisa Medicamentos, que intermediou aquela que se revelou a compra mais cara feita pelo Brasil – US\$ 15 por dose.

Para que o negócio prosperasse, o governo foi ligeiro. Bolsonaro avisou pessoalmente o governo indiano que compraria a vacina, e coronéis do Ministério da Saúde pressionaram servidores a agilizar a compra, pedindo até que a Anvisa concedesse “a exceção da exceção” para liberar o imunizante.

Detalhe: um dos donos da Precisa, Francisco Maximiano, é dono também da Global, a empresa que deu calote no Ministério da Saúde em uma intermediação feita na época em que o hoje líder do governo na Câmara, o deputado Ricardo Barros (PP-PR), era o ministro da Saúde, no governo Temer.

O Planalto foi rápido até quando duas empresas sem nenhuma expertise no assunto – a brasileira Senah, do reverendo Amilton de Paula, e a americana Davati – ofereceram 400 milhões da AstraZeneca, com quem o governo já tinha negociado diretamente. Nesse caso, houve repetidas reuniões, trocas de e-mails constantes e, segundo denúncia, um pedido de propina.

Outra evidência do modus operandi mais que questionável do governo foi a compra da Sputnik V. Enquanto governadores negociaram a vacina diretamente com os russos, o Ministério da Saúde preferiu fazer a negociação com a intermediária União Química. Resultado: governadores pagaram US\$ 9,95 a dose, e o Bolsonaro, US\$ 11,95. •

Reprodução



ENTENDIMENTO Pazuello recebe representantes da empresa catarinense World Brands, em 11 de março. Coronac mais cara na mão de terceiros

PAZUELLO RECEBEU ATRAVESSADORES

“A compra da vacina virou uma grande oportunidade para o governo fazer negócios. Este governo transformou a dor e a necessidade de ter vacinas, porque atrasou a compra, em oportunidade de negócio. Teve a frieza de segurar (a compra) até elevar a pressão e, assim, legitimar a compra por qualquer preço”, denuncia Rogério Carvalho.

Para o senador, até mesmo a compra da vacina Pfizer parece ter sido superfaturada após passar por intermediários. “Quem foi que intermediou a compra da Pfizer? (O ex-secretário de Comunicação) Fábio Wajngarten, que não tinha nada a ver com o Ministério da Saúde”, lembrou. “A vacina custou US\$ 10 no primeiro lote e, depois, nas quase 101 milhões de doses seguintes, US\$ 12”, acrescentou.

A própria Coronovac, produzida no Brasil pelo Butantan, chegou a ser negociada por atravessadores. A Folha de S. Paulo denunciou na sexta-feira, 16, que uma reunião suspeita, em 11 de março, do General Eduardo Pazuello e o então secretário-executivo do Ministério

da Saúde, Coronel Élcio Franco, com representantes da empresa catarinense World Brands. Na pauta, oferta ao Ministério da Saúde de doses importadas da China ao preço de US\$ 28. No vídeo do encontro, o ex-ministro diz: “Já saímos daqui hoje com o memorando de entendimento já assinado e com o compromisso do ministério de celebrar, no mais curto prazo, o contrato para podermos receber essas 30 milhões de doses no mais curto prazo possível para atender a nossa população”.

O negócio, aparentemente, só não prosperou porque Bolsonaro acabou demitindo Pazuello no dia 26 de março, uma semana depois de o presidente se reunir no Alvorada com os irmãos Miranda, que levaram a denúncia sobre negócios suspeitos no Ministério da Saúde. A CPI investiga por que o governo Bolsonaro procurou sistematicamente negociar vacinas com atravessadores. O vídeo prova que Pazuello mentiu ao depor na CPI da Covid e dizer que nunca havia recebido empresas que levaram ao governo ofertas de vacinas. •

CPI AVANÇA, BOLSONARO SE DEGRADA E LULA ARRANCA

A comissão já tem elementos mais do que suficientes para provar o crime sanitário e a ação dolosa, temerária e continuada de Bolsonaro e agentes do governo na condução da pandemia. O povo está cada vez mais consciente da responsabilidade do presidente

Por Rogério Carvalho

A opção do governo Bolsonaro de deixar o povo brasileiro exposto ao novo coronavírus para adquirir imunidade de rebanho naturalmente é a grande responsável pelas mais de 535 mil mortes por Covid-19 no país. É o que revelam as investigações da CPI da Covid, instalada no Senado Federal para apurar as ações e omissões do governo federal no enfrentamento à pandemia.

Morrem quatro vezes mais pessoas por Covid-19 no Brasil do que a média dos demais países. Estudos revelam que 300 mil mortes pela doença poderiam ter sido evitadas, caso o Brasil tivesse optado por adotar medidas de contenção do vírus, como o distanciamento social, o uso de máscaras, a testagem e a vacinação em massa.

Entretanto, orientado por um gabinete paralelo, Bolsonaro preferiu boicotar todas essas medidas e adotou a cloroquina, medicamento comprovadamente ineficaz contra a Covid-19, como única medida sanitária de enfrentamento da pandemia. Mais do que isso, o ex-capitão se dedicou a promover aglomerações, deu declarações minimizando a letalidade da doença, recusou 81 ofertas de compra de vacinas da Pfizer, vetou a obrigatoriedade do uso de máscaras e entrou no Supremo Tribunal Federal para impedir a ação de distanciamento social de prefeitos e governadores. O Brasil só tem um Programa Nacional de Imunização após decisão do ministro Ricardo Lewandowski, tomada em dezembro de 2020.

Por tudo isso, a CPI já tem elementos mais do que suficientes

para provar o crime sanitário e a ação dolosa, temerária e continuada de Bolsonaro e agentes do governo na condução da pandemia no Brasil. Entretanto, o avanço das investigações colocou na pauta da CPI uma nova frente de investigação: duas suspeitas de corrupção na compra de vacinas pelo Ministério da Saúde.

O primeiro caso trata da denúncia feita pelo servidor do Ministério da Saúde Luís Ricardo

ORIENTADO PELO GABINETE PARALELO, BOLSONARO BOICOTOU AS MEDIDAS CORRETAS E ADOTOU A CLOROQUINA

Miranda e o irmão, o deputado federal Luís Miranda (DEM-DF), envolvendo a compra da vacina indiana Covaxin por meio da Precisa Medicamento – uma empresa intermediária – a um valor de US\$ 15 a dose, o maior preço entre todas as vacinas negociadas pelo país. De acordo com os irmãos, houve uma pressão indevida da cúpula do Ministério da Saúde no tramite de aquisição da vacina indiana.

Neste caso, irregularidades foram identificadas em diver-

sos invoices – os recibos fiscais internacionais –, que tratam do pagamento antecipado não previsto em contrato. Também a realização desse pagamento para uma empresa terceira, a Madison, que igualmente não consta no contrato entre o Ministério da Saúde e a Precisa, em um paraíso fiscal, Singapura.

Segundo Luís Miranda, até então parlamentar da base de sustentação do governo, a denúncia de irregularidade teria sido feita diretamente à Bolsonaro, que até agora não o desmentiu. O deputado afirmou na CPI que Bolsonaro, ao saber da denúncia, teria mencionado o nome do líder do governo da Câmara dos Deputados, Ricardo Barros (PP-PR).

A defesa do Planalto é que Bolsonaro teria comunicado a irregularidade ao então ministro da Saúde, General Eduardo Pazuello, e este teria acionado o então secretário-executivo da pasta, Coronel Élcio Franco. Os dois deixaram o Ministério da Saúde dias depois do ocorrido. E nenhuma medida de investigação foi adotada.

Não menos grave é a denúncia do cabo da Polícia Militar de Minas Gerais Luiz Paulo Dominghetti, representante da empresa Davati, que acusa o ex-diretor de Logística do Ministério da Saúde Roberto Dias de cobrar propina de US\$ 1 por dose de vacina, durante um jantar em Brasília. Não é segredo para ninguém que Dias era um homem de confiança de Ricardo Barros no Ministério da Saúde.

O encontro entre Dominghetti e Dias foi intermediado pelo ex-substituto de Dias, o Tenente-Coronel Marcelo Blanco, que chegou a incluir serviços de saúde nas atividades da empresa dele após esse jantar. As mensagens da quebra do sigilo

telefônico e telemático de Dominghetti que já vieram a público revelam ainda a presença de um religioso na negociata, o reverendo Amilton de Paula. Esse pastor teria feito a ponte entre a Davati e o próprio Bolsonaro, em um encontro no Palácio do Planalto.

Além de liquidar com a imagem de incorruptível de Jair Messias Bolsonaro, 70% dos brasileiros acreditam que há corrupção no governo de acordo com um último levantamento DataFolha, as duas graves denúncias revelam a existência de um método no Ministério da Saúde. Esse método envolvia a presença de intermediários na compra de vacinas por parte do Ministério da Saúde, um procedimento que sempre foi feito de forma direta entre o governo brasileiro e a Organização Mundial da Saúde ou os laboratórios fabricantes de vacinas.

As denúncias também acabaram mencionando alguns militares, que atuaram em cargos de civis na gestão Bolsonaro, como o Pazuello, Élcio, Blanco e o Tenente-Coronel Alex Marinho, entre outros. Esse possível comprometimento de membros das Forças Armadas gerou uma reação desproporcional do ministro da Defesa, Braga Netto, e dos comandantes das forças que soltaram nota com o claro objetivo de tentar intimidar os trabalhos da CPI.

A tentativa de tutela ou de pressão das Forças Armadas sobre qualquer um dos poderes constituídos – Executivo, Legislativo ou Judiciário, não tem mais espaço em nossa democracia. A institucionalidade, a harmonia e a independência entre os poderes são pilares do Estado de Direito e devem ser preservadas acima de quaisquer interesses.

Entretanto, é evidente que

alguns militares assumiram o risco de se contaminarem por questões civis e políticas quando aceitaram participar e serem fiadores do governo Bolsonaro. São mais de 6 mil membros das Forças Armadas em cargos de civis no governo.

A despeito de pressões e de esperneios, a CPI seguirá cumprindo o papel de informar a população sobre os motivos que levaram a um verdadeiro morticínio por Covid-19. Também

EM CONTRAPONTO À IMAGEM DE DESONESTO DE BOLSONARO, O EX-PRESIDENTE LULA RESSURGE NO CORAÇÃO E NO IMAGINÁRIO DO POVO BRASILEIRO

apontará os responsáveis pelo descontrole e pela expansão do vírus em nosso país, um verdadeiro crime de genocídio contra a humanidade.

O povo está cada vez mais consciente da responsabilidade de Bolsonaro na crise sanitária, já são mais de 535 mil mortos pela pandemia em nosso país e na crise social, com o aumento do desemprego e a volta da miséria e da fome. Também já percebeu que é de Bolsonaro a culpa pela crise econômica, com a volta da

inflação e o alto preço dos combustíveis e dos alimentos e pela crise institucional, com o tensionamento das relações entre os poderes e as recorrentes tentativas de deslegitimação do nosso processo eleitoral.

Por isso, conforme o último Datafolha, a maioria dos brasileiros e das brasileiras considera Bolsonaro “despreparado”, “incompetente”, “desonesto”, “pouco inteligente”, “falso”, “indeciso” e “autoritário”. Além disso, 55% dizem nunca confiar nas declarações do ex-capitão e 51% reprovam o governo, a pior marca da série histórica.

Em contraponto à completa degradação de Bolsonaro, ressurge no coração e no imaginário do povo brasileiro a liderança e a força do ex-presidente Lula. É ele quem representa a esperança de reconstrução do país e a volta de um projeto de desenvolvimento nacional que tenha como centro estratégico a distribuição de renda, a soberania, a fraternidade, a sustentabilidade, o respeito à diversidade e aos direitos humanos, o crescimento econômico, a estabilidade, a altivez internacional, a democracia e a paz social.

A liderança de Lula e a formação de uma ampla aliança política serão o eixo fundamental para a derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022. O ano que vem reserva ao povo um grande reencontro do Brasil com a sua verdadeira vocação e com a experiência de paz e justiça social, que vivemos nos governos Lula e Dilma. Nós, do Partido dos Trabalhadores, estamos prontos para debater os projetos de país e seguros que voltaremos a fazer o Brasil feliz de novo. •

Médico sanitário, é senador pelo PT de Sergipe.



Ricardo Stuckert

LULA DO POVO DISPAROU

Institutos confirmam vantagem do ex-presidente nos cenários eleitorais e refletem aumento da reprovação ao governo. Petista está consolidado com 40% do eleitorado. Em todas as pesquisas, venceria os outros candidatos da direita ou centro-direita, que se intitulam terceira via, por uma larga margem

Por **Matheus Tancredo Toledo *** e **Jordana Dias Pereira ****

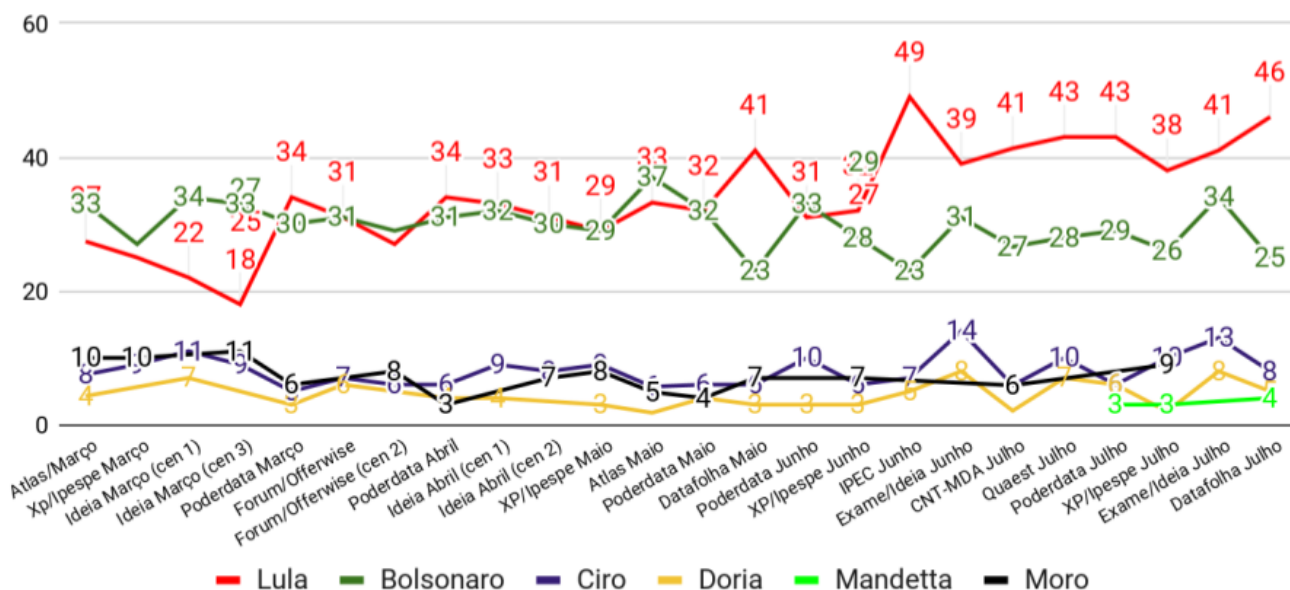
O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva lidera com vantagem os cenários de intenção de votos, de acordo com todas as pesquisas divulgadas

na semana passada. É uma rara convergência que confirma: se as eleições presidenciais de 2022 fossem hoje, o petista derrotaria Jair Bolsonaro. As tendências que seis institutos trouxeram nas últimas semanas confirmam o que apontamos no último boletim do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas

e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

Na [última edição do boletim](#), a décima que produzimos, apontamos para a consolidação de um cenário no qual Lula tem cerca de 40% do eleitorado, Bolsonaro cerca de um quarto do total. Os outros candidatos, somados, beiram os 15%.

PRIMEIRO TURNO - EVOLUÇÃO



BOCA DO JACARÉ Os principais institutos de pesquisa indicam a consolidação de Lula à frente da corrida presidencial

As novas pesquisas reforçam esta tendência. No Datafolha, por exemplo, Lula tem 21 pontos percentuais de vantagem para Bolsonaro – são 46% de intenções de voto em primeiro turno para o ex-presidente, face aos 25% do atual. À exceção da pesquisa do Ideia Big Data, que testa apenas cenários reduzidos para mensurar a viabilidade de candidaturas de centro-direita – como João Doria (PSDB), Eduardo Leite (PSDB) e Luiz Henrique Mandetta (DEM) –, Lula tem mais de 10 pontos percentuais de vantagem. Em todas, os candidatos da centro-direita apresentam pouca competitividade.

Os institutos também destacam que, em um eventual segundo turno, Lula venceria Bolsonaro. E qualquer outro candidato. As simulações reforçam uma tendência que apontamos em nosso último boletim. É precipitado afirmar que a força eleitoral de Lula se baseia em uma polarização com Bolsonaro. Em todas as pesquisas, o ex-presidente venceria todos os outros candidatos da direita ou centro-direita, que se intitulam

terceira via, por uma larga margem. Segundo a pesquisa Ideia Big Data, por exemplo: Lula venceria João Dória por uma diferença de 25 pontos percentuais. Ganharia de Eduardo Leite e Mandetta por 28 pontos percentuais. E, sobre Sergio Moro, por 23 pontos percentuais.

Outras pesquisas demonstram dados parecidos. Segundo o Datafolha, por exemplo, Lula venceria Dória por uma vantagem de 34 pontos. Na pesquisa XP/Ipespe, Lula venceria Mandetta por 24. Até contra Ciro Gomes (PDT), que transita entre o centro e a centro-esquerda, Lula venceria por 15 pontos, segundo levantamento da XP/Ipespe; e por 8 pontos, segundo a Ideia Big Data.

Outro ponto a se ressaltar é que Lula leva vantagem maior sobre Bolsonaro do que outros candidatos. Venceria, segundo a XP/Ipespe, o atual presidente por margem de 14 pontos percentuais. A título de comparação, são 4 pontos a mais do que a vantagem que Ciro Gomes teria, por exemplo. João Doria perderia por uma diferença de 4

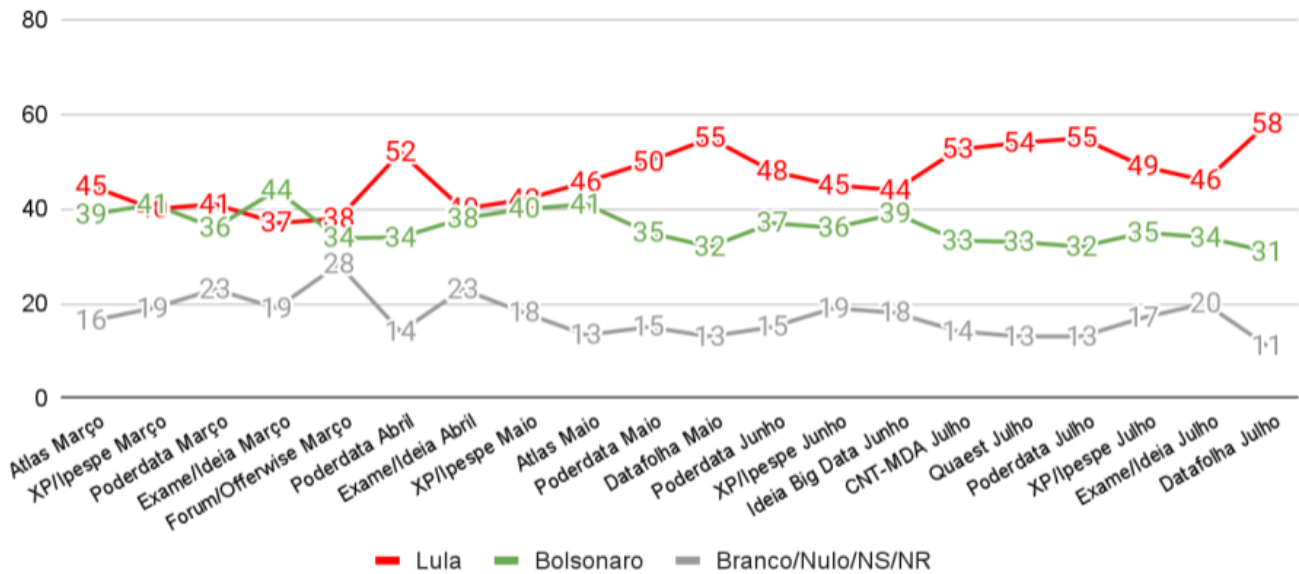
pontos percentuais e o atual presidente venceria tanto Mandetta quanto Eduardo Leite.

Em relação à avaliação de governo, é possível afirmar, de acordo com nosso acompanhamento periódico de pesquisas, que há deterioração severa desde o final do ano passado. Há altos níveis de reprovação e baixos níveis de aprovação.

Em dezembro de 2020, o governo de Jair Bolsonaro tinha índices de reprovação que variavam, naquele momento, do patamar de 32% a 42%, a depender da pesquisa. Nesta última rodada, realizada na primeira semana de julho, os institutos mostram que os patamares de reprovação do governo estão oscilando de metade da população (50%) a quase 60%, dependendo da pesquisa.

Os levantamentos convergem ao apontar que, no segmento de renda até 2 salários mínimos, há tendência de aumento da reprovação e queda da aprovação nos últimos meses, conforme demonstra o gráfico abaixo. No Nordeste, as mulheres, os jovens e o segmento que se autodeclara

SEGUNDO TURNO LULA X BOLSONARO - EVOLUÇÃO

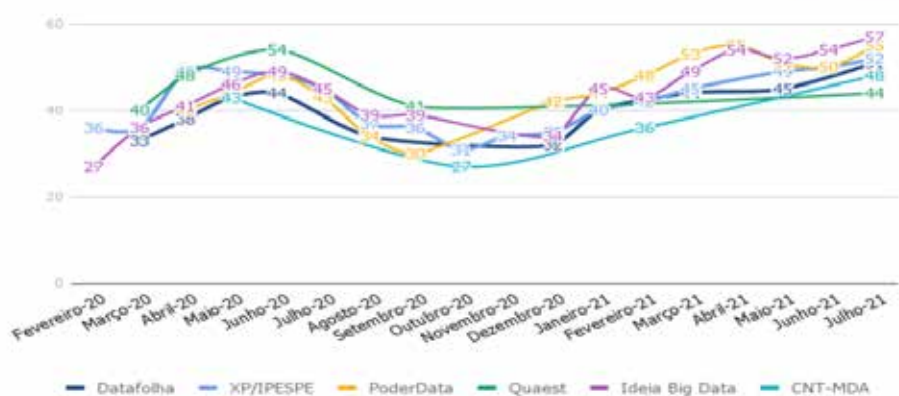


SEGUNDO TURNO De março para cá, o quadro da disputa foi alterado pelo desgaste de Bolsonaro ante a pandemia

ra negro/preto são aqueles nos quais o governo tem seu pior desempenho. Segundo o Datafolha, a soma dos que consideram o governo ruim ou péssimo nos três segmentos está, respectivamente, em 60% e 56%, mesmo número para os jovens, e 57% no quarto recorte.

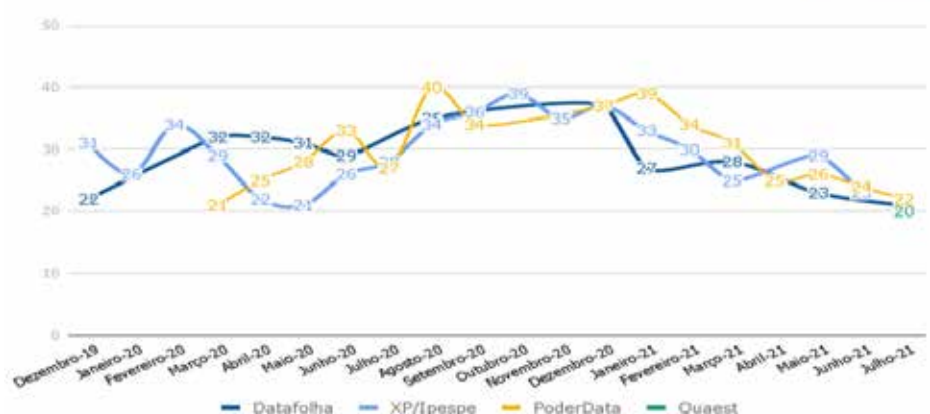
Os institutos também trouxeram dados relacionados à conjuntura política e temas diversos. O destaque maior é para a percepção de inflação. Segundo a CNT/MDA, 92,4% dos entrevistados consideram que os preços estão aumentando. Na pesquisa Quaest, há expectativa de aumento de preços no próximo período para 64% dos entrevistados. Outros dados serão aprofundados no boletim de número 11, a ser lançado nesta semana, e em próximos artigos nesta revista. •

AVALIAÇÃO NEGATIVA GOVERNO BOLSONARO - TOTAL



POPULARIDADE EM QUEDA Desde dezembro de 2020, a avaliação de Jair Bolsonaro está em queda, com alta da rejeição e perda de popularidade crescente, como confirma o gráfico acima. Seis institutos destacam a inversão...

AVALIAÇÃO POSITIVA GOVERNO BOLSONARO - RENDA ATÉ 2 S.M



* Matheus Tancredo Toledo é cientista político e analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.** Jordana Dias Pereira é socióloga e coordenadora do Noppe.

...de expectativas. Nos últimos oito meses, houve uma inversão completa, com desidratação contínua da imagem do ex-capitão. Hoje, o presidente só conta com o apoio de um em cada cinco brasileiros com renda de até R\$ 2 mil



Ricardo Stuckert

MAIS UM PAPO COM ARTISTAS E PRODUTORES

Em São Paulo, Lula se encontra com cantores, atores e representantes da cultura nacional. Foi a segunda reunião com expoentes dos movimentos artísticos, um dos mais atingidos pela pandemia e que sofre com ausência de políticas públicas

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontrou no último sábado, 10, com artistas e representantes da cultura em São Paulo. O encontro não teve artistas e produtores só do estado, mas também do Norte e Nordeste. Foi a segunda reunião de Lula com artistas para debater políticas públicas culturais nos últimos meses. Em junho, ele se reuniu com representantes da setor cultural no Rio. Ex-ministro da Educação e ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad também participou da reunião.

Artistas e trabalhadores da música, audiovisual, teatro, dança, movimento do hip-hop, funk e slam conversaram com Lula sobre a importância das políticas públicas dos governos do PT para a cultura, o audiovisual, a inclusão social nos bairros mais pobres e as ações afirmativas para a inclusão das mulheres, dos negros e dos bairros populares.

Alguns artistas falaram da luta pela sobrevivência em meio a pandemia. A cultura foi um dos setores mais afetados pela crise sanitária. A Lei Aldir Blanc, proposta por Benedita da Silva (PT-RJ), aprovada no Congresso, deu apoio ao setor na pandemia. "A cultura não é só uma atividade econômica, ela é um direito de cidadania, onde as pessoas podem ter liberdade de se manifestar", disse Celso Frateschi.

A atriz Ana Petta lamentou a morte dos companheiros da cultura na pandemia, lembrando do poeta carioca. "Em nome de Aldir Blanc, nosso gênio, que hoje é nome da lei que ajuda na sobrevivência dos artistas de todo o país, eu gostaria de prestar a nossa homenagem aos artistas vítimas do genocídio no Brasil e pedir não um minuto de silêncio, mas uma enorme salva de palmas".

O cantor e compositor Marcelo Jeneci também ressaltou as

dificuldades de trabalhar com cultura no país. "Se a gente, em algum momento, consegue baixar o imposto de importação para 20% ao invés de 60%, isso muda toda a nossa cadeia de criação cultural. Pensando num futuro eu desejo muito isso, porque tantas vidas acabam desistindo porque não conseguem... Até hoje é muito difícil comprar um instrumento, até pra quem vive disso."

Foram lembrados os artistas que participaram dos Festivais Lula Livre, os maiores deles no Rio, São Paulo e Recife, pela liberdade enquanto o presidente estava preso em Curitiba. Rappin Hood lembrou que desde a primeira vez que conheceu Lula, ele perguntou seu nome, nunca esqueceu e desde então conversaram várias vezes. E quando Lula era presidente, o pessoal do hip-hop, do povo, se acostumou a ser bem tratado por quem estava no poder. •

EM CANNES, OLIVER STONE DENUNCIA EUA

A prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante a operação Lava Jato teve por trás o interesse do governo dos Estados Unidos de desestabilizar líderes latino-americanos de esquerda. A afirmação partiu do cineasta Oliver Stone, 74 anos, responsável pela direção de obras como "JFK" (1991), "The Doors" (1991) e "Platoon" (1986).

"Pegaram o Lula com a Lava Jato. Foi selvagem, uma história suja", disse Stone, durante entrevista no Festival de Cinema de Cannes, onde estreou seu novo documentário "JFK Revisited: Through the Looking Glass", sobre a morte do presidente americano John Kennedy.

Stone anunciou que prepara novo filme no qual Lula será o principal personagem. A obra deve ficar pronta no primeiro semestre de 2022. De acordo com o cineasta, a condenação de Lula pelo juiz Sérgio Moro foi uma arma de guerra. "É duro, é uma guerra em curso o que está acontecendo", denunciou.

Ele também afirmou que a grande mídia americana trata de forma parcial países governados pela esquerda, entre eles Cuba, que vive protestos nas ruas. "A mentalidade no Ocidente agora é completamente anti-Rússia, anti-China, anti-Irã, anti-Cuba, anti-Venezuela. Não se pode falar nada de bom sobre eles. O que mais está na lista? No Brasil, Lula foi para a prisão, eles se livraram do Lula. Eles policiam o mundo", afirmou Stone. •



Comitê Lula Livre

Lula está livre e elegível e essa foi a principal conquista de todos os brasileiros que querem reconstruir o Brasil. Desde o começo da campanha Lula Livre o Brasil passou por diversas fases – "Eleição sem Lula é fraude; Lula Livre; Lula Livre-Anula STF – e agora é a hora de libertar o Brasil.

A bandeira da campanha Lula Livre sempre esteve entrelaçada com a luta pela democracia e direitos. O ex-presidente Lula está livre, mas o país não está. A nação brasileira vem sofrendo com um número assustador de retrocessos em todos os setores. Mesmo após o país perder mais de 540 mil vidas, Jair Bolsonaro insiste em negar a ciência e abandona milhares de brasileiros em uma situação de crise que além de sanitária é econômica, política e social.

O país não pode ficar nesta situação. Queremos um Brasil Livre da fome, do desemprego e da miséria. Queremos um país livre com distribuição de renda, onde o Estado de bem-estar social e o respeito aos direitos constitucionais sejam garantidos. No Brasil que queremos, não cabe pensar desenvolvimento apartado da defesa do meio-ambiente. Não vemos a hora de ver o país livre do neofascismo e do neoliberalismo.

O Brasil precisa se livrar dos retrocessos. É por isso que defendemos um país livre das ameaças antidemocráticas e de casos como a Lava Jato que, a partir de 2014, tinha o objeti-

vo não somente de derrubar o governo de Dilma Rousseff, de prender o ex-presidente Lula, mas também de criminalizar movimentos sociais, sindicatos e todos os partidos de esquerda estimulando o neofascismo. Contrária aos interesses do povo, a operação é responsável por um prejuízo de R\$ 172 bilhões em investimentos e com o fim de mais de 4 milhões de empregos ao destruir grandes brasileiras.

Queremos o fortalecimento das empresas nacionais, estatais e afastar a privatização da agenda pública. O povo brasileiro precisa contar com trabalho justo, com direitos sociais para assim contribuir com o crescimento da nação.

Estamos prestes a comemorar o centenário da Semana de Arte Moderna e discutir, no marco do bicentenário da Independência, qual é a libertação que nosso povo espera, desfazendo das amarras colonialistas, do preconceito racial e também opressão e violência que milhares de brasileiras sofrem todos os dias.

O Brasil precisa se libertar de todos os retrocessos que foram e estão sendo implementados nesses últimos seis anos e voltar a fazer com que as pessoas tenham esperança e acreditem que terão condições de viver dignamente em todas as etapas de suas vidas.

Já provamos que é possível construir um Brasil mais justo, soberano e altivo. E é para reerguer o nosso país que te convidamos para construir a Campanha Lula livre, Brasil livre! •



Agência PT

DISPUTAR O PRESENTE E PREPARAR O FUTURO

PT é hoje a sigla com o maior engajamento da internet e com mais seguidores. Isso é fruto da nova política de comunicação da legenda, disposta a dar orientação para travar a disputa política

Por **Jilmar Tatto**

Estudo publicado pelo jornal *O Globo*, no dia 14 de julho, revelou que "o Partido dos Trabalhadores é atualmente a sigla com o maior engajamento na internet". Os dados foram pesquisados e consolidados pela plataforma Zeeng, em parceria com a Rede Essent Jus e Captee, entre abril e julho, segundo o jornal. De acordo com o estudo, o PT é o partido com mais seguidores e engajamento nas redes sociais.

"Mesmo não possuindo o maior número de seguidores no Facebook, o PT obteve quase três vezes mais interações do que o segundo colocado", destacou a pesquisa. O PT também é o partido que mais publicou nas redes sociais durante o período analisado pela pesquisa. O PT ainda lidera as interações no Twitter, no Instagram e no Youtube.

Os dados divulgados pela pesquisa são resultados do novo plano de comunicação do Partido dos Trabalhadores, que vem sendo implantado pela Secretaria de Comunicação. É consequência

da política de integração editorial e da coordenação das diversas frentes de atuação digital, sob a orientação de travar a disputa política presente e preparar o partido para o futuro.

A partir dos acertos e das conquistas atuais, a Secretaria de Comunicação, sob a orientação das diretrizes do Diretório Nacional, investe para avançar na preparação da militância do partido. Neste segundo semestre, a caravana "Casa 13 pelo Brasil" realizará oficinas de capacitação da militância aos estados e municípios. É a implementação da política de

fortalecer a presença do partido e apoiar a disputa política dos militantes em seus territórios.

Com esse objetivo, a Secretaria de Comunicação, em conjunto com as demais instâncias da estrutura partidária, já implantou e está adotando iniciativas e instrumentos digitais. A meta é fortalecer a central de relacionamento, capacitar a militância no ativismo e formar grupos de voluntários por estado. Em apoio, vamos promover oficinas digitais online, ao vivo ou gravadas.

Em curso, a “Plataforma Estados e Municípios” está dotando os diretórios de suas próprias páginas na internet para publicação de conteúdos, de forma integrada ao site do estado e do PT Nacional. As plataformas estão sendo entregues aos diretórios dos municípios e estados que, na sequência, contarão com oficinas de operação e edição. Em sintonia com a iniciativa da Nova Primavera, o objetivo é construir uma rede organizada e ampla de militantes digitais. Desta forma, em um mesmo ambiente, a plataforma integrará nacionalmente a disputa política e as ações partidárias.

Além da afirmação das posições políticas do partido, dedicamos especial atenção ao combate às fake news, instrumento da guerra midiática da extrema-direita. Para isso, o PT já conta com o Verdade na Rede, plataforma voltada para denúncias e desconstrução de mentiras. Na complementação desta política, a secretaria conta com uma ferramenta para monitoramento das redes sociais. Orientação para formação das centrais municipais de combate às fake news, com oficinas regionalizadas, completa a iniciativa.

Adotada com sucesso nas eleições municipais de 2020, a Casa 13 é outra ferramenta para apoiar a disputa política nos municípios.

Trata-se de plataforma digital para a militância gerar as próprias peças para as redes sociais, acesso aos legados dos governos Lula e Dilma nos 5.570 municípios, ao Plano de Transformação e Reconstrução do Brasil, produzido pela Fundação Perseu Abramo e aprovado pelo Diretório Nacional. Além disso, os ativistas contam com uma área para baixar conteúdos como cards, vídeos, áudios e documentos produzidos diariamente pelo PT Nacional.

DEDICAMOS ESPECIAL ATENÇÃO AO COMBATE ÀS FAKE NEWS, INSTRUMENTO DE GUERRA DA EXTREMA-DIREITA. PT CONTA COM O VERDADE NA REDE

No início deste ano, o App do PT disponível nas plataformas Apple e Android aproximou o PT de militantes e apoiadores, chegando diretamente aos seus celulares. O aplicativo dá acesso rápido às notícias e também a um conjunto de ferramentas como formação de grupos, atualização de cadastros, filiação, doações, além de poder receber notificações sobre os principais eventos e mobilizações partidárias e populares.

No terreno audiovisual, duas ferramentas já estão funcionando: a TVPT e a Rádio PT, aces-

síveis no Youtube e nas plataformas digitais. Por meio do canal de vídeo são realizadas coberturas, a exemplo da CPI da Covid, apresentando debates e programas especiais. A Rádio PT, no ar 24 por dia, também ampliou a divulgação de informações, posições e conteúdos produzidos pelo partido.

A Secretaria de Comunicação também investe na comunicação e na mobilização direta com as estruturas partidárias, com a militância e com os apoiadores, por meio do WhatsApp e do Telegram. Além disso, também apostou na propriedade dos códigos para publicação e edição, assim como na apropriação e construção do cadastro dos militantes e apoiadores. São medidas fundamentais para assegurar a independência partidária diante da guerra cibernética em curso no país e no mundo.

Nesse sentido, a Central de Relacionamentos com a Militância do PT, na Área PT, disponível no site nacional e no App do PT facilita a integração por meio de formulários de cadastro. Com a nova plataforma de estados e municípios ampliaremos os pontos de cadastramento e atualização de dados no território. A loja virtual, que será lançada em breve, com base nas modernas experiências de e-commerce, é outra ferramenta para integrar a militância na rede de apoio financeiro ao partido.

A ferramenta digital o “Pai tá On”, por fim, com o site e redes sociais do Lula, completa o conjunto de instrumentos para dotar o partido de ferramentas modernas e capazes de enfrentar e promover a disputa no cotidiano da luta política atual e preparar a militância para o futuro dos grandes embates que se aproximam. •

Advogado e mestre em ciências, é secretário de Comunicação do PT.

BRASIL SOFRE ATRASSO TECNOLÓGICO

A insensibilidade de Michel Temer e Jair Bolsonaro deixaram o país desassistido e colecionando oportunidades perdidas na área de telecomunicações. Perdemos a entrada do 5G, assistimos à crescente exclusão digital, vimos o desmonte do setor de áudio e vídeo e abrimos mão do cabo ligando Brasil à Europa

Decorridos cinco anos do golpe, o quadro na área de telecomunicações é desolador. Em uma área intensiva em inovação, a tempestividade das decisões altera de forma radical as possibilidades de avanço e seus impactos sobre a sociedade. Desde o Golpe de 2016, quando Dilma Rousseff foi derrubada do governo central por impeachment

sem crime de responsabilidade, o Brasil coleciona oportunidades perdidas, por escolhas incompetentes dos governos Michel Temer e Jair Bolsonaro.

Logo nos primeiros dias após o golpe, as políticas públicas de telecomunicações perderam força e poder na agenda nacional. O Ministério das Comunicações, criado em 1967 e fortalecido nas gestões de Lula e Dilma, foi extinto

CRESCER EXCLUSÃO DIGITAL

na primeira reforma ministerial de Michel Temer. A pasta foi incorporada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, fazendo com que a agenda de inclusão digital e de fortalecimento do setor de telecomunicações fosse relegada ao segundo plano.

Embora tenha recriado o Ministério das Comunicações em 2020, Bolsonaro não o fez para fortalecer as agendas do setor de telecomunicações. É o ministro quem cuida da operação política do governo junto ao Congresso e da comunicação institucional governamental, incorporando a antiga Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Atualmente, o ministro é o chefe da propaganda do governo. A agenda de telecomunicações continua relegada ao segundo plano.

O desperdício de oportunidades com o 5G

O leilão das frequências para a adoção da rede 5G de telecomunicações se arrasta no tempo, apesar de se saber que essa tecnologia é disruptiva e sua implantação é urgente e imprescindível para as revolucionárias aplicações previstas para a indústria, serviços e agricultura. A área de ciência, tecnologia e inovação vive um processo dramático de cortes nos investimentos e não há um plano para assegurar que o setor se aproprie da plataforma 5G para impulsionar as transformações econômicas, sociais e ambientais necessárias para que o Brasil esteja em sintonia com o que ocorre na China e nas outras nações desenvolvidas.

Mantido o quadro atual, a tendência é que a incorporação do 5G não gere impactos tão amplos como possível e se amplie o fosso que nos separa das nações desenvolvidas. •

O ambiente da pandemia do Covid-19 explicitou as desigualdades sociais na área de comunicações. Enquanto as crianças e os jovens de classe média puderam manter o seu processo de aprendizado através das aulas online, transmitidas por plataformas de ensino à distância (EAD) na internet, os mais pobres, alunos da rede pública de educação, ficaram bloqueados em relação ao sistema educacional por não terem acesso à internet. A consequência disso foi a elevação da distância de aprendizado entre camadas sociais e o aumento da desigualdade social.

O Congresso fez o seu papel, ainda que limitado, ao aprovar o Projeto de Lei 3477/2020, destinando R\$ 3,5 bilhões ao subsídio do acesso à internet e à compra de dispositivos como tablets e smartphones aos alunos da rede pública no ano de 2020. Apesar dessa iniciativa, Bolsonaro vetou.

A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) aprovou o Plano Estrutural de Redes de Telecomunicações (Pert), em junho de 2019. Nele, estão identificadas as carências de acesso à internet em todo o país: pequenas cidades, escolas, unidades de saúde, população mais pobre. Apesar da excelente iniciativa, a universalização da internet continua sendo um sonho por absoluta insensibilidade social do Palácio do Planalto, que não aloca recursos orçamentários para essa finalidade.

O avanço no acesso à internet tem ocorrido graças sobretudo aos milhares de pequenos provedores que se expandiram por todo o país e que, hoje, no seu conjunto, lideram a expansão do acesso da população à internet fixa. Os

planos de acesso à internet por celular, oferecidos pelas grandes operadoras e por provedores que usam sua infraestrutura e licenças de ocupação do espaço para comercializar o serviço celular com suas marcas, são limitados nas franquias de dados. Com isso, as classes D e E, e mesmo a C, que acessam à internet basicamente por celular, têm um serviço precário e ineficiente.

Além das grandes operadoras e dos pequenos provedores, há duas empresas públicas que deveriam cumprir papel complementar às empresas privadas no provimento do acesso à internet. A Rede Nacional de Pesquisas (RNP) destina-se a conectar universidades, institutos federais de educação, ciência e tecnologia e de pesquisa. Tem cumprido o seu papel, embora cada vez mais limitado por falta de recursos orçamentários.

A Telebrás foi reativada em 2011, para constituir uma rede estrutural (backbone e backhaul) pública cuja comercialização asseguraria aos pequenos provedores regionais o acesso à grande rede. Naquele momento, as grandes operadoras dificultavam a conexão à rede, cobrando preços exorbitantes ou não comercializando o acesso ao backbone.

A reativação da Telebrás foi um sucesso, pois, ao oferecer backbone de qualidade a preços módicos, quebrou o oligopólio, fazendo com que os preços de mercado de atacado despencassem, o que permitiu aos pequenos provedores oferecer acesso no varejo a preços bem mais acessíveis aos usuários. A Telebrás expandiu de forma rápida o seu backbone, mas sofreu duras restrições orçamentárias após o Golpe de 2016. •



Roberto Stuckert Filho

DESPERDÍCIO

Dilma visita centro de controle do satélite Telebrás, em março de 2016. Projeto permitiria conexão em banda larga mesmo em áreas remotas de todo o país

CONSTRUÍDO A PARTIR DE 2014, SATÉLITE ESTACIONÁRIO ESTÁ SUBAPROVEITADO

O Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações (SGDC) foi projetado com duas bandas: a banda X, destinada às comunicações de segurança militares; e a banda KA, destinada ao acesso à internet em banda larga, em todo o território brasileiro.

Ao decidir pela compra, o governo Dilma buscava, além de ter um satélite de comunicações de última geração tecnológica, capacitar técnicos e empresas brasileiras para que o SGDC 2 viesse a ser integralmente montado em território brasileiro.

Por isso, constam do contrato com a empresa francesa Thales Alenia Space, o treinamento de técnicos da Telebrás, das Forças Armadas, da Agência Espacial Brasileira (AEB) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), assim como um programa de transferência de tecnologia.

Quando houve o Golpe de 2016, o SGDC estava pronto para ser lançado, com a infraestrutura terrestre praticamente concluída para a operação. Faltava a cons-

trução do centro definitivo de controle em Brasília, embora a central inicial já estivesse totalmente montada. Dilma a visitou pela última vez em março de 2014.

O SGDC foi lançado com sucesso em maio de 2017. Mas aí começaram os problemas, devido à combinação de incompetência, cortes de recursos e total ausência de visão estratégica sobre o papel desse sistema para a inclusão digital e para o desenvolvimento tecnológico e industrial do Brasil.

Sem a devida transparência, foi firmado contrato com a empresa Viasat para a comercialização dos acessos, fato que gerou um contencioso jurídico que atrasou enormemente o início da comercialização do SGDC. Foram dois anos perdidos, com o satélite em órbita, queimando combustível e preciosos anos dos seus 18 de tempo de vida. Foram muitos milhões de reais do orçamento público absolutamente perdidos.

Embora o SGDC esteja completando quatro anos do seu

lançamento e não haja transparência plena nas informações sobre o uso dos 58 Gb/s de sua capacidade, há grande ociosidade na ocupação desse importante sistema de comunicação, que cobre todo o território brasileiro. Não faltam escolas e alunos, unidades de saúde e pacientes a serem conectados. Apesar da crise pandêmica, o SGDC, que custou R\$ 2,8 bilhões, tem hoje apenas cerca de 30% da sua capacidade da banda KA utilizada.

Ademais, não há qualquer iniciativa para dar sequência à transferência de tecnologia. O programa do SGDC previa, além da capacitação dos técnicos, a identificação de empresas brasileiras com potencial para desenvolver e produzir subsistemas importantes de um satélite de comunicações. Houve a identificação de empresas e a transferência de tecnologia, capacitando essas empresas a projetar os subsistemas. No entanto, de pouco valerá esse trabalho se não for levado à frente o projeto e montagem do SGDC 2 no Brasil. •

CABO SUBMARINO BRASIL-EUROPA FOI ABANDONADO

Ministério da Defesa

No governo Dilma, decidiu-se que, como parte de sua infraestrutura, a Telebrás implantaria um cabo de comunicações entre o Brasil e a Europa. Da parte brasileira, o interesse devia-se ao fato de não termos ligação direta com a Europa. As rotas de cabos internacionais até então se dirigiam aos EUA e de lá para a Europa, o que, além de revelar problemas geopolíticos estratégicos, tornava o caminho para a Europa muito longo, com repercussão na latência das comunicações, sobretudo aquelas ligadas a atividades de pesquisa online.

Como laboratórios da Europa realizam importantes atividades de pesquisa em astronomia a partir de potentes telescópios localizados no deserto do Atacama, no Chile, a União Europeia decidiu participar do empreendimento, com aporte considerável de recursos. Por isso, o projeto foi viabilizado com a constituição de uma empresa em joint venture entre a Telebrás e um grupo empresarial espanhol.

Após o golpe, diante do brutal corte de gastos e da concepção neoliberal dos governos Temer e Bolsonaro, os recursos brasileiros para viabilizar a implantação do cabo foram eliminados do orçamento. O governo decidiu também que a Telebrás deveria abandonar esse estratégico projeto. Com isso, o cabo submarino Brasil-Europa está sendo implantado exclusivamente por uma empresa espanhola, a EllaLink. •



CONEXÃO AMAZÔNICA Em 2015, engenheiros começaram a implantar cabos de fibra ótica na Amazônia, interligando cidades seguindo os rios

AMAZÔNIA CONECTADA FOI PARALISADA

Lançado em 2015, o Amazônia Conectada era um dos mais importantes programas de conectividade para a região, e buscava cobrir a Amazônia com 9 mil quilômetros de cabos ópticos, interligando 59 de seus municípios por meio de infovias, utilizando o leito dos rios. Ele seria implementado em parceria pelos ministérios da Defesa (Exército), Ciência e Tecnologia (RNP) e Telebrás, aos quais se juntaram entidades de C&T do Amazonas.

Apesar de seu caráter estratégico, o Amazônia Conectada foi paralisado. O trecho inicial, um link entre duas unidades do

Exército em Manaus, foi inaugurado em 2016. Em 2017, estava previsto o lançamento de 900 km de cabo entre Manaus e Tefé, mas só uma parte foi lançada e não foi ativada por falta de alocação de recursos.

No governo Bolsonaro, o nome do projeto foi trocado para Programa Amazônia Conectada e Integrada (PAIS), mas continua paralisado. O projeto parou quando se discutia o desenho institucional: a governança, o gestor e a participação da iniciativa privada no provimento de internet aos municípios e distritos por meio da compra de capacidade, entre outros. •



MENOS RÁDIOS COMUNITÁRIAS E EDUCATIVAS

Até o Golpe de 2016, o Ministério das Comunicações elaborava Planos Nacionais de Outorgas (PNOs) e publicava editais para contemplar novos municípios com frequência. No momento da interrupção do governo Dilma, havia PNOs prontos para radiodifusão comunitária e radiodifusão educativa.

Esses PNOs foram ignorados no governo Temer e os que estavam em curso foram interrompidos. Processos seletivos já em curso demoraram a ter seus resultados publicados ou nem tiveram. Depois, o governo até publicou um novo PNO de Rádio Comunitárias, mas com muito menos municípios.

Assim, nestes últimos cinco anos, deixaram de ser publicados editais para novas rádios comunitárias em mais de 1.500 municípios e para novas rádios e TVs educativas para mais de 740 municípios. Isso sem falar em processos interrompidos de editais anteriores, publicados até maio de 2016, que poderiam ter resultado em novas emissoras. •

PARAMOS DE AVANÇAR NA RELAÇÃO ENTRE A TV PAGA E A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

No governo Dilma, foi aprovada a Lei 12.485/2011 – conhecida como Lei do SeAC (Serviço de Acesso Condicionado) –, estabelecendo marco regulatório único para a TV por assinatura e instituindo a obrigatoriedade de cotas para a produção audiovisual brasileira independente em todos os canais de espaço qualificado (filmes, documentários, animação infantil).

O resultado foi extremamente positivo. O número de assinantes da TV paga mais que dobrou, crescendo de 8 milhões para quase 19 milhões. A produção audiovisual brasileira explodiu, estimulada pela política de cotas e pelo financiamento público da produção, por meio do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA). Milhões de brasileiros passaram a ter acesso à produção cultural brasileira e os empregos nesse setor cresceram enormemente.

Com os governos Temer e Bolsonaro, assistimos ao desmonte de toda a política cultural, com cortes drásticos no orçamento da área. Os recursos do FSA, turbinados pela lei do SeAC, passaram a ser contingenciados, chegando à paralisia total de Bolsonaro.

O garrote imposto à Ancine não decorre apenas da visão fiscalista, mas

também de uma orientação de corte fascista que visa a impedir que a população tenha acesso a manifestações culturais fundadas na liberdade e na diversidade.

Com o desenvolvimento da internet e a possibilidade de distribuição de conteúdos audiovisuais por esse meio (“streaming”), a Anatel passou a ser pressionada por grupos empresariais nacionais e internacionais para considerar o streaming fora do alcance regulatório da lei do SeAC.

Embora essa lei defina que se aplica a “todos os meios” de distribuição, a agência encontrou um artifício para satisfazer os agentes de mercado, ao considerar o streaming um serviço de valor adicionado e não de telecomunicações.

Dessa forma, os serviços de streaming, sejam de oferta de canais ou de vídeo por demanda, não estão sujeitos a nenhum marco regulatório. Perdeu a produção audiovisual brasileira, perderam os brasileiros que deixaram de ter acesso à produção cultural nacional. A luta por um marco regulatório do streaming está de pé e é fundamental para a promoção da cultura brasileira. •



Agência PT

POR QUE O 5G DA HUAWEI NÃO É UMA AMEAÇA AO BRASIL

Ao declarar que pode vetar a tecnologia da gigante asiática, Bolsonaro dá continuidade à sua política externa de alinhamento acrítico e de absoluta subserviência aos EUA. Isso lesa os interesses nacionais e afeta a nossa soberania e o povo brasileiro

Por Aloizio Mercadante e Jorge Bittar

A revolução tecnológica em curso está transformando a economia e a sociedade em todo o planeta. A base fundamental dessa onda transformadora é a rede de comunicações 5G. O Brasil precisa implantar a rede 5G com agilidade e eficácia para que ela possa entregar resultados rápidos e eficazes à sociedade. A economia está se transformando rapidamente

e o Brasil precisa da indústria 4.0, de cidades inteligentes e sustentáveis, de aplicações na saúde e na educação, de uma agricultura produtiva e que preserve o meio ambiente, de novos e modernos serviços para enfrentar as desigualdades sociais e regionais.

O presidente Jair Bolsonaro tem anunciado o propósito de proibir a Huawei de fornecer equipamentos para a futura rede 5G no Brasil porque vê a China como suposta ameaça global à privacidade dos dados e à soberania dos países.

A acusação, que segue fielmente a orientação dos EUA, não se baseia em dados concretos que pudessem se constituir em provas materiais de que os equipamentos de 5G da empresa chinesa contenham dispositivos, conhecidos como *backdoors*, capazes de viabilizar a obtenção clandestina de dados que circulam na rede.

Aliás, os *backdoors* ficaram conhecidos no Brasil quando, em 2013, o jornalista Glenn Greenwald, baseado em documentos vazados pelo ex-agente da agên-

cia de segurança nacional dos Estados Unidos (NSA) Edward Snowden, denunciou que a entidade violou as redes de comunicações do próprio Palácio do Planalto e da Petrobrás, no governo da presidenta Dilma, e teve acesso à informações estratégicas.

Naquela ocasião, ficou evidente que as empresas americanas fornecedoras de equipamentos de redes de internet, incorporavam nesses equipamentos os *backdoors* para viabilizar a espionagem americana.

Portanto, os EUA sabem muito bem do que estão falando quando fazem acusações de suposto plano para espionagem. Essa tem sido a prática do governo americano. Já em relação à China não há provas de que isso esteja acontecendo.

Na verdade, o que está por trás da denúncia dos EUA é o reconhecimento de que a China saiu na frente no desenvolvimento de uma tecnologia que é disruptiva e que contribui para situá-la à frente dos EUA na corrida pelo desenvolvimento econômico e social.

Com efeito, essa tecnologia não é apenas uma evolução incremental em relação ao 4G. Ela é uma infraestrutura que, ao lado de outras tecnologias como IoT, IA, BIG DATA e EDGE Computing, deverão revolucionar os sistemas produtivos industriais, a produção agrícola, os serviços de toda natureza, enfim o conjunto das atividades econômicas e sociais.

Bolsonaro, ao declarar que pode vetar a tecnologia 5G da Huawei, apenas dá continuidade à sua política externa de alinhamento acrítico e de absoluta subserviência aos EUA. Uma decisão de enorme impacto como essa, num país com dimensões territorial, econômica e populacional como o Brasil, teria necessariamente que estar fundada numa visão de nação soberana e socialmente justa.

Não é, portanto, facultado ao

seu governante tomar decisões de caráter estratégico a partir apenas de suas preferências ideológicas, pois as consequências certamente serão trágicas.

A frontal oposição à China no caso da Huawei não é algo isolado. Também no caso da vacina chinesa, a decisão inicial de Bolsonaro de não financiar a produção e a distribuição à população se deu ostensivamente por razões estritamente ideológicas e se alinhou com toda a irresponsabilidade que tem marcado sua atuação em relação à gravíssima crise pandêmica. O recuo em relação a essa decisão inicial se deu em função da enorme pressão da sociedade brasileira, diante do genocídio que já causou a morte de mais de 530 mil brasileiros.

A possível exclusão da Huawei traria com certeza enormes prejuízos ao Brasil. Em primeiro lugar, porque, não havendo provas das acusações, nos colocará numa posição de confronto com a China, a qual é responsável por 40% das exportações brasileiras. Impossível imaginar uma decisão dessa sem que ocorram retaliações por parte dos chineses.

Ao impedir a comercialização desse produto da Huawei, o governo estaria criando uma séria obstrução à competição de mercado, favorecendo empresas como Ericsson, Nokia e Cisco e desenvolvendo uma prática inconstitucional.

O possível bloqueio do 5G da Huawei, estaria também atrasando a implantação dessa infraestrutura no Brasil por ações no Judiciário que gerariam insegurança jurídica aos investidores. Uma situação dessa nos colocaria em posição de inferioridade competitiva em relação aos países que vierem a implantar com agilidade a rede 5G.

Os custos de implantação do 5G também cresceriam não somente porque os preços da

Huawei costumam ser menores do que o dos seus concorrentes, mas também porque haveria a necessidade de substituir parte dos equipamentos pré-existentes em virtude de incompatibilidades entre estes e os de novos fornecedores. Quem pagaria essa conta seriam os usuários da rede 5G.

A Fundação Perseu Abramo do PT se opõe a essa possível decisão lesiva aos interesses nacionais e que afetaria gravemente a economia e a população brasileira. E propõe que se desenvolva um ambiente atrativo e não discriminatório a todas as empresas que vierem a oferecer tecnologia 5G no Brasil.

Também apregoa que se implante no país um sistema de auditoria técnica para se avaliar todos os equipamentos de todos os fornecedores que potencialmente possam incluir dispositivos que permitam a violação da privacidade. Para tal, nosso país conta com universidades e institutos de pesquisa que estão plenamente capacitados a realizar esse trabalho.

A FPA também defende que haja um plano nacional de desenvolvimento tecnológico e de inovação para as redes 5G e suas aplicações, envolvendo as universidades e centros de pesquisa, os governos e as empresas. Por fim, ressalta que se estabeleçam exigências de contrapartidas de conteúdo tecnológico e produtivo local às empresas fornecedoras da tecnologia 5G.

A Huawei e sua tecnologia 5G não são ameaças ao Brasil. O que ameaça o futuro da Brasil é essa política externa subserviente aos EUA e a brutal queda nos investimentos em ciência, tecnologia e inovação nos governos Temer e Bolsonaro. •

Economista, ex-ministro no governo Dilma, é presidente da Fundação Perseu Abramo.

Engenheiro eletrônico, ex-presidente da Telebrás, é conselheiro da Fundação Perseu Abramo.

VENDA É CRIME DE LESA-PÁTRIA

Até nos EUA, o serviço postal é prestado por instituição do Estado. Após três anos seguidos de superávit, os lucros dos Correios em 2020 chegaram a R\$ 1,5 bilhão. Entre 2017 e 2019, foram mais de R\$ 930 milhões de ganhos. Não há razão para privatizar



Por Leonardo Monteiro

Mais um crime de lesa-pátria foi incluído no rol de ações antinacionais do governo Bolsonaro: a privatização dos Correios, empresa pública de mais de 350 anos e presente em todo o território nacional. O Projeto de Lei 591/2021, do Executivo, em análise na Câmara dos Deputados, é deplorável. Abre para grupos privados uma empresa com papel estratégico para o desenvolvimento, a soberania e a integração nacional.

O discurso privatista não resiste a uma análise. Nos Estados Unidos, a maior economia capitalista do planeta, sempre usada como exemplo pelos neoliberais brasileiros, há empresa pública de correios. Nos 20 maiores países do mundo, o serviço postal é prestado por instituições públicas e não privadas, sendo a extensão territorial dos países fator determinante da presença do Estado na atividade. O Brasil é o 5º país em extensão territorial e tem uma das menores tarifas postais do mundo.

Até o ex-presidente da empresa, general Juarez Cunha, reconheceu que existem outras opções. Antes de ser demitido por contrariar a visão pinochetista do ministro da Economia, Paulo Guedes, o general lembrou que há diversos casos malsucedidos de privatizações de correios pelo mundo afora. Onde houve, caiu a qualidade e os preços dos serviços subiram astronomicamente.

A rede de logística da ECT abrange todo o território nacional. Os correios distribuem livros didáticos, urnas eletrônicas, vacinas, itens essenciais que garantem acesso da população

à cidadania e o exercício da democracia. São os Correios que distribuíram, no ciclo 2020/2021, 197 milhões de livros didáticos em todos os 5.570 municípios do país. As provas do Enem são levadas a todo o Brasil pela ECT. A empresa garante o comércio eletrônico, sobretudo para pequenas e médias empresas.

Há também inúmeros serviços públicos que dependem da atuação da ECT para que continuem operantes, como as concessões de água, luz, telefone e

A PRIVATIZAÇÃO DOS CORREIOS NÃO VISA MELHORAR OS SERVIÇOS, MAS DAR SEGUIMENTO À SANHA ULTRALIBERAL QUE ENTREGA O NOSSO PATRIMÔNIO

até funções da Justiça.

Empresas privadas só querem áreas lucrativas. Apenas em pouco mais de 300 dos 5.570 municípios brasileiros a operação local dos Correios é superavitária. O lucro de umas sustenta a operação postal em todo o território nacional e ainda sobra lucro para a empresa.

O discurso sobre déficit da ECT não se sustenta. Após três anos seguidos de superávit pelos

balanços publicados, os lucros auferidos em 2020 chegaram a R\$ 1,5 bilhão. Entre os anos de 2017 a 2019 foram mais de R\$ 930 milhões de lucro.

A empresa entrega, mensalmente, cerca de meio bilhão de objetos postais, sendo 25 milhões de encomendas. A atuação de 100 mil trabalhadores garante a universalização de cartas e encomendas.

Privatizar a ECT trará prejuízos ao povo, desemprego e o fechamento de agências no interior e zonas rurais, inviabilizando os serviços financeiros, inclusive. Em muitos municípios pequenos, a agência dos Correios é o único meio para efetuar pagamentos do INSS e operar, por exemplo o FGTS.

Tramita na Câmara dos Deputados, o PL 7638/2017, de minha autoria e da deputada Maria do Rosário (PT-RS), que institui a fidelização dos Correios em órgãos públicos federais. O projeto garantirá mais economia, eficiência e ganhos que podem alcançar R\$ 20 bilhões por ano. Outro projeto meu é o 1638/2019, que visa criar o Fundo de Universalização dos Serviços Postais (FUSP), para financiar o sistema postal. Esses projetos trariam uma arrecadação extra para os Correios, descartando de vez a hipótese de privatização.

A privatização dos Correios não visa melhorar os serviços, mas, sim, dar seguimento à sanha ultraliberal que abre nosso patrimônio e riquezas para a invasão de investidores que somente querem lucrar. É um sucateamento sistêmico e vergonhoso para atender aos interesses do mercado financeiro e não aos do Brasil. Os Correios são do povo brasileiro. •

Deputado federal pelo PT de Minas Gerais, é presidente da Frente Parlamentar em Defesa dos Correios



Divulgação

A CIÊNCIA COMO VALOR E SOBERANIA

Enquanto países veem a ciência como enorme valor para a vida, no Brasil, o Orçamento da União sofre o maior ataque de sua história. O país vive um célere desmonte de instituições e centros de pesquisas, fundamentos de base para PD&I

Por Adão Villaverde

Existe uma irrefutável relação entre as aceleradas mudanças e transformações do nosso tempo, catalisadas pelos avanços científicos, tecnológicos e inovativos e as possibilidades de chegarmos ou não a um mundo inclusivo, colaborativo e

sustentável. Que deixam também evidente a agigantada dependência relacional entre as questões chamadas econômicas, sociais, culturais e ecológicas que, quando dispersas e desconectadas, são capazes de desencadear efeitos e conflitos incontroláveis.

Vive-se a originalidade radical de uma época onde a atividade humana é uma das principais for-

ças geofísicas de alterações dos grandes ciclos do planeta, expressas na biodiversidade, no aquecimento global, na questão da água, nas necessidades de energias renováveis, na crise sanitária, dentre outras. Daí decorre a importância da compatibilização entre inovação e sustentabilidade. Quando isso não ocorre, precipita-se a decomposição do já frágil tecido so-

cial e econômico das relações em sociedade, produzindo impactos à humanidade que poderão custar muito mais para resolvê-los do que os pretensos benefícios que estaria buscando trazer.

Avanços científicos e desenvolvimento sustentável necessitam muita aderência e atenção, para que se possa interditar as escaladas de ameaças à biosfera em todas as suas formas. Por isso necessitamos de lideranças e governanças informadas por evidências científicas e com aptidão de preparar gestores públicos com habilidades de prevenir e manejar eventuais desastres (des) naturais. Criando uma cultura talentosa na sociedade para compreender e reconhecer mais a contribuição que a ciência já deu e dará à humanidade. Isto fica evidenciado hoje na celeridade com que foram desenvolvidas as vacinas para enfrentar a infeliz pandemia que nos assola.

Sem pretender ser uma verdade absoluta, o aforismo que segue parece ser quase irrefutável: "Países que investem prioritariamente em pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I), sabem o quanto isto pode contribuir para construir sua soberania e independência como Nação". Sobretudo, ancorando-se nos ativos intangíveis da era que vivemos: o conhecimento e o fazer ciência para desenvolver suas próprias tecnologias e transformar em inovação.

Ainda que exemplos possam ser reducionistas, vivemos um período da história em que tais evidências saltam aos olhos. E, para ancorar esta assertiva, vejamos o trabalho da revista científica britânica Nature, que atualiza periodicamente um gráfico simbólico, que traz no seu eixo horizontal "o percentual de dispêndios em PD&I dos países em relação ao seu PIB" (Produto Interno Bruto) e, no eixo vertical, "número de pesquisadores por milhão de habitantes", revelando uma forte

relação causal entre investimentos em pesquisas e padrão de desenvolvimento de uma Nação.

Ponteando o ranking estão aqueles países que tradicionalmente nominamos de desenvolvidos: Alemanha, Estados Unidos, Dinamarca, Finlândia, Israel, Suécia, França, Coreia, dentre outros. E aproximando-se para ingressar no grupo, China e Rússia. Exatamente aqueles que têm uma posição de apoio à ciência e, com base nela, enfrentam com rigor e

AVANÇOS CIENTÍFICOS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NECESSITAM MUITA ATENÇÃO PARA INTERDITAR AS AMEAÇAS À BIOSFERA

firmeza a tragédia sanitária da Covid-19 que assola a humanidade.

E, enquanto tais países veem a ciência como um enorme valor para a vida das pessoas, aqui no Brasil, contrário sensu, o Orçamento da União sofre o maior ataque de sua história, que está nos levando a um célere desmonte de instituições e centros de pesquisas, fundamentos de base para PD&I.

Os dados são do próprio Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Os investimentos caíram para a terça parte, de 2015 a 2020. E, se isso não bastasse,

renuncia-se também fortes acúmulos e investimentos já feitos na área da microeletrônica, como a CEITEC S/A em solo riograndense, estratégica no programa de microeletrônica do Estado brasileiro e na superação da dependência tecnológica do país. Incompreensivelmente, logo quando vive-se mundialmente a maior crise na produção e demandas por chips.

De duas, uma. Ou alteramos o nível de compreensão dos indivíduos, governos, empresas, organizações e sociedade, para que os avanços do nosso tempo possam ser usados para o bem de todos, ou seguiremos à deriva, num mundo com ciência forte, mas com consciência local débil. Naufragando na visão ideológica anti-indústria endógena, que acredita que país não deve inovar, uma vez que pode buscar tudo fora. Equilibrando-se instavelmente na colonial lógica das commodities, que só amplifica a já em curso "modernização" dependente e submissa.

Na onda do intenso, desumano e desapiedado jogo do poder regressivo e obscurantista que, sempre de plantão, está pronto para se sobrepujar à soberania e à independência das nações, amplificando a desesperança e a ausência de perspectiva de futuro para os nossos já desprotegidos povos.

Só com muita compreensão e fortes investimentos em ciência como um valor para as nossas sociedades, estruturados como um dos pilares de uma Nação soberana, é que superaremos nossos enormes desafios. Sobretudo para podermos viver num planeta colaborativo, desenvolvido sustentavelmente, inclusivo, solidário e mais humano. •

Engenheiro, professor de Gestão do Conhecimento e da Inovação, ex-presidente do Fórum Nacional de Secretários de CT&I/BR, ex-secretário de CT&I e Coordenação, Planejamento e Gestão do Rio Grande do Sul e ex-presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

RESISTÊNCIA E DEFESA DA VIDA

No semestre, o PT fez o que era possível com os instrumentos constitucionais disponíveis para impedir a destruição do Estado, resguardar direitos e garantir a vida, em contraposição ao genocídio comandado pelo presidente da República

Por Elvino Bohn Gass

O primeiro semestre de 2021 foi marcado por uma atuação firme da bancada do PT na Câmara contra os retrocessos sanitários, econômicos, ambientais, sociais e trabalhistas promovidos pelo governo genocida e corrupto de Jair Bolsonaro. Sempre em sintonia com os outros partidos de oposição, o PT reagiu, denunciou o desmonte do Estado e dos direitos coletivos e formou uma trincheira em defesa da vida, frente à tragédia da pandemia de Covid-19, que levou à morte mais de 540 mil brasileiros por culpa de Bolsonaro.

Os 53 deputados do PT – além dos seis senadores –, têm cumprido o seu papel. No semestre, a maior bancada de oposição na Câmara apresentou 32% de todos os decretos legislativos (um total de 69), em boa parte para sustar atos exorbitantes e arbitrários do Executivo, e 20% dos requerimentos de informação protocolados (169). A bancada apresentou, ainda, 196 projetos de lei. E propôs emenda para garantir, ainda em 2021, o auxílio emergencial de R\$ 600, como o Congresso aprovou no ano passado, em contraposição à faixa de R\$ 150 a R\$ 375 encaminhada pelo Planalto.

Graças ao PT, votou-se o estratégico Projeto de Lei Assis Carvalho, de socorro à agricul-

tura familiar, que responde por 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros. E tivemos também papel central na convocação de ministros do governo para prestar esclarecimentos e manter a população informada

A AGENDA DO GOVERNO ATACA OS INTERESSES NACIONAIS, INCLUINDO PRIVATIZAÇÕES E DESPREZA POLÍTICAS DE EMPREGO E RENDA

sobre os atos do Executivo. O PT agiu para obstruir votações, apresentar projetos alternativos aos do Planalto, liderar pedidos de impeachment do presidente, propor a instalação de comissões parlamentares de inquérito e recorrer contra desmandos do Executivo ao STF, Ministério Público, TCU e TSE.

Em síntese, o PT fez o que era

possível com os instrumentos constitucionais disponíveis, para impedir a destruição do Estado brasileiro, resguardar direitos e garantir a vida, em contraposição ao genocídio comandado pelo presidente da República. Porém, é preciso reconhecer que foram poucas as vitórias populares no semestre, tais como as derrubadas dos vetos de Bolsonaro à internet nas escolas públicas e à Lei Aldir Blanc.

Um dos desafios foi enfrentar a máquina bolsonarista fortalecida e ampliada com emendas-extras que somaram R\$ 3 bilhões para a base governista. Com uso não republicano da máquina governamental, a Câmara transformou-se num puxadinho do Planalto, em prejuízo dos interesses coletivos e do futuro do país.

A agenda pinochetista do governo ataca os interesses nacionais, incluindo privatizações como a da estratégica Eletrobrás, despreza políticas públicas geradoras de renda, emprego e oportunidades. Tudo em nome do mercado.

Nesse cenário desfavorável, a bancada do PT atuou unida contra o governo genocida e corrupto. E continuará assim ao longo deste ano, firme contra os retrocessos e em defesa do impeachment já, junto com os movimentos sindicais, sociais, populares e de defesa da democracia, da soberania e dos interesses nacionais. Não há atalhos possíveis: a solução é fora, Bolsonaro! •

Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, é líder do PT na Câmara.



Agência PT

ESTRATÉGIA IMPERIALISTA, HOJE

Quem quer ajudar a Cuba, como disse com clareza o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, tem que batalhar para terminar o bloqueio norte-americano. Lá se vão mais de 60 anos quando os EUA impuseram o estrangulamento à ilha

Por Emir Sader

A nova estratégia da direita na América Latina está coordenada com a estratégia imperial norte-americana. Consciente da impossibilidade de dar continuidade aos golpes militares, a estratégia da guerra híbrida consiste na corrosão interna dos sistemas políticos, para destruir os aspectos democráticos que tenham e impor um novo tipo de governo.

A estratégia se colocou em prática no Brasil, na Bolívia, no Equa-

dor, com golpes de Estado distintos dos tradicionais. Os novos tipos de golpe começam com um processo de mobilização prévios, que preparam o clima ao golpe.

O excelente livro "Guerras híbridas", do jornalista russo Andrew Korybko, publicado pela Expressão Popular, tem como subtítulo "Das revoluções coloridas aos golpes". Estas são as mobilizações como as que se deram no Brasil em 2013, criando o clima político e preparando as condições para o golpe de 2016.

A mídia internacional difunde, com destaque, dezenas de mobi-

lizações simultâneas na manhã de domingo, 11, em Cuba, com palavras de ordem contra o governo. Está claro que se acumularam uma série de insatisfações, vinculadas às dificuldades de Cuba resolver os problemas econômicos básicos, desde o fim do campo socialista. A isso se soma, com aspecto determinante, o bloqueio econômico de mais de sete décadas, praticamente desde o surgimento da Revolução, em 1959.

Cuba não contava com meios próprios para industrializar-se, como era o projeto original do Che, no Ministério da Economia.

Teve que acoplar-se ao campo socialista dirigido pela URSS, para o qual Cuba contribuía com açúcar e outros produtos primários, recebendo em troca recursos energéticos, armamento, entre outros produtos. Em compensação, Cuba teve que manter um modelo mais ou menos similar ao soviético.

Foi o período em que Cuba mais cresceu economicamente, em que mais as necessidades e os direitos do povo cubano foram mais atendidos. Esse período foi bruscamente rompido com o fim da URSS e do campo socialista, com todas as consequências negativas para Cuba. Desde então, sob o impacto dessa ruptura, Cuba conseguiu sobreviver, vivendo naquele momento mobilizações espontâneas de descontentamento de setores da população. O país contava ainda, naquele momento, com Fidel, que foi conversar, ouvir e argumentar com descontentes.

A partir daquele momento, Cuba sobreviveu, mas a econômica deixou de crescer, houve retrocessos nos avanços logrados no período anterior. Foram se acumulando descontentamentos em setores do país.

O fim do campo socialista fez com que o criminoso bloqueio norte-americano seguisse ainda mais cruel nos seus efeitos negativos sobre a ilha. A tentativa foi inviabilizar a sobrevivência de Cuba sem o campo socialista. Fracassaram, mas os efeitos combinados da falta do apoio externo com o bloqueio, geram situações de insatisfação interna.

A política monetária dupla – com uma moeda subsidiada para a compra dos produtos básicos e uma vinculada ao dólar, para os outros produtos –, que já havia se mostrado insustentável, tardou a ser modificada, sendo finalmente unificada já durante a pandemia.

O que aumentou as dificuldades no poder de compra dos setores mais fragilizados da população – que coincide com os que não recebem ajudar de fora de Cuba.

As manifestações recentes se valem das insatisfações, inclusive de setores favoráveis à Revolução, para organizar – de maneira muito suspeita, pela simultaneidade das mobilizações, todas ao mesmo tempo, em lugares distintos da ilha

CUBA VAI SUPERAR A CRISE ATUAL, APESAR DE TODOS OS PROBLEMAS ACUMULADOS. E É CERTO QUE A ILHA ENCONTRARÁ OUTRO MODELO DE SOCIALISMO

– para organizar ações, tratando de impor-lhes palavras de ordem contra o governo. As dificuldades enfrentadas por Cuba durante a pandemia acrescentaram as insatisfações e favorecerem o clima para as manifestações.

Quem quer ajudar a Cuba, como disse com clareza o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, tem que batalhar para terminar o bloqueio norte-americano. Para que Cuba possa comprar no exterior, inclusive seringas e outros materiais sanitá-

rios, para combater melhor a pandemia.

O que é certo é não apenas que Cuba superará essa crise atual, apesar de todos os problemas acumulados ao longo do tempo, que se combinam agora com os problemas da pandemia. Assim como é certo que Cuba terá que procurar outro modelo de socialismo. Aquele herdado do período anterior já se havia esgotado com o fim do campo socialista.

Mas o que se esgota não é o socialismo, que permitiu todas as conquistas extraordinárias que Cuba viveu desde 1959. Para medi-las, basta comparar a situação de Cuba com a de países similares, como a República Dominicana, Jamaica ou mesmo o Haiti. O que Cuba tem que buscar criativamente é nova via de dar continuidade à construção do socialismo.

Cuba vive, da sua maneira, os efeitos da política imperial norte-americana sobre o conjunto da América Latina. Uma política que trata de breçar os intercâmbios muito positivos da China com grande parte dos países do continente. Uma política que trata de enfraquecer os processos de integração regional. Uma política que apoia os governos de direita e de extrema direita, que busca dar continuidade ao esgotado modelo neoliberal.

O governo norte-americano se preocupa com a situação do Peru, do Chile, da Colômbia, do Brasil. E preocupa-se com os governos que vivem situações de instabilidade e com aqueles que avançam na superação do neoliberalismo e da dependência dos EUA. Impotente, porque os EUA não tem nada a oferecer aos países do continente, senão o neoliberalismo e a subordinação à política imperial. •

É jornalista.



Reuters

VÍTIMA DE CONSPIRAÇÃO Jovenel Moïse foi assassinado na residência oficial, por um comando de mercenários

ASSASSINATO POR ENCOMENDA

O Haiti mergulha em uma nova espiral de violência com a morte do presidente Jovenel Moïse. A conspiração que levou à eliminação física do chefe de Estado envolve mercenários treinados pelos EUA, haitianos-americanos e, suspeita-se, até o primeiro-ministro, que ocupa interinamente o poder

O mundo se pergunta o que está acontecendo no Haiti. Na quarta-feira, 7, o presidente Jovenel Moïse foi morto a tiros por agressores não identificados na residência oficial do governo, na calada da noite. O primeiro-ministro interino, Claude Joseph, anunciou ainda que a esposa de Moïse, Martine, ficou ferida no ataque ocorrido no bairro de Pelerin, em Porto Príncipe. Ela foi internada. Em um comunicado oficial, Joseph afirmou que está no comando do país e pediu calma à população, acrescentando que a po-

lícia e o Exército já têm o controle da situação.

As investigações mostram que o crime foi tramado aparentemente por gente graúda. Na sexta-feira, 16, autoridades colombianas identificaram um ex-oficial da inteligência haitiana como o homem que ordenou que dois ex-soldados colombianos matassem o presidente. Ex-oficial da inteligência, Joseph Felix Badio disse a dois soldados colombianos que eles "prenderiam" o presidente. A informação é do general Jorge Luis Vargas, chefe da polícia nacional da Colômbia.

Segundo o militar, alguns

dias antes da operação de sequestro de Moïse, o plano mudou. Badio teria ordenado aos ex-soldados Duberney Capador e Germán Alejandro Rivera Garcia, que eles "tinham que assassinar o presidente do Haiti". As palavras são do general Vargas.

Numa reviravolta surpreendente, o próprio primeiro-ministro interino passou a ser investigado como suspeito de mandar matar Moïse para tomar o poder. Joseph deixaria o cargo no dia em que o presidente foi morto. Dois dias antes, o presidente havia nomeado Ariel Henry como próximo primeiro-ministro do país —o sétimo

em quatro anos—, substituindo assim o atual. Com a morte do líder haitiano, a troca não aconteceu, ainda que Henry reivindicasse o posto.

A investigação foi revelada na quarta pelo canal de notícias Caracol, da Colômbia. Mais de 20 ex-militares do país estão envolvidos no assassinato, 18 dos quais permanecem presos, e três foram mortos. Após a publicação da reportagem, a polícia haitiana, subordinada ao atual premiê, negou a informação.

As autoridades colombianas não descreveram a fonte das informações. No início da semana, funcionários da inteligência e do Ministério das Relações Exteriores da Colômbia disseram ao *New York Times* que não puderam entrevistar os suspeitos colombianos. A polícia haitiana emitiu um aviso de “procurado” pela prisão de Badio, acusando-o de assassinato. E acusa ainda o oficial de organizar a logística, adquirir veículos e coordenar a operação do esquadrão assassino do presidente.

O complô para o assassinato de Moïse começou há meses. Várias das figuras centrais sob investigação pelas autoridades haitianas em conexão com o assassinato do presidente se reuniram nos meses anteriores ao assassinato para discutir a reconstrução da nação conturbada depois que o presidente estivesse fora do poder. As informações são da polícia haitiana, oficiais de inteligência colombianos e participantes das discussões.

Realizadas na Flórida, nos EUA, e na República Dominicana, no ano passado, os encontros parecem conectar um conjunto aparentemente distinto de suspeitos na investigação, ligando um médico e pastor de 63 anos, um vendedor de equipamentos de segurança e um corretor de hipotecas e seguros na Flórida.

Todos foram identificados pelas autoridades haitianas como atores importantes em uma trama para assassinar Moïse com a ajuda de mais de 20 ex-comandos colombianos para tomar o poder político depois disso. Não está claro como as pessoas sob investigação poderiam ter feito isso, ou que apoiadores poderosos eles podem ter tido para tornar isso possível.

Mas entrevistas com mais de uma dúzia de pessoas envolvidas com os homens mostram que os suspeitos trabalharam juntos por meses. Apresentavam-se em termos grandiosos e muitas vezes exagerados como corretores de poder bem financiados e bem conectados, prontos para liderar um novo Haiti com influentes americanos dando suporte.

Na quinta-feira, a polícia colombiana revelou que um dos detidos, o ex-agente do exército colombiano Germán Alejandro Rivera Garcia, recebeu dinheiro dos Estados Unidos para organizar a viagem das pessoas que entraram na residência e mataram o presidente. “Dentro da análise e das informações recebidas, há uma quantia aproximada de 50 mil dólares que Germán Rivera recebeu dos Estados Unidos”, disse o General Vargas.

Na sexta-feira, o jornal estadunidense *Washington Post* revelou que um haitiano que vive nos EUA, detido na investigação de assassinato, financiou a equipe de ‘segurança pessoal’. Documentos obtidos pelo diário estadunidense mostram propostas para que duas firmas da Flórida fornecessem “oficiais militares privados” a Christian Emmanuel Sanon. O Pentágono admitiu que militares dos EUA já treinaram colombianos implicados no plano de assassinato. •

ARMAS DE MACRI PARA A BOLÍVIA

Um suposto contrabando de armas da Argentina para a Bolívia, logo após o Golpe de Estado, em 2019, elevou a temperatura política nos dois países. O Ministério Público da Argentina abriu na sexta-feira, 16, uma investigação para apurar a denúncia de que o então presidente Mauricio Macri mandou armas e munição à Bolívia para reprimir os apoiadores de Evo Morales, que tinha acabado de renunciar ao comando do país.

O envio dos armamentos teria ocorrido logo após Jeanine Áñez tomar posse como presidente em novembro de 2019, exatamente para substituir Evo. A chegada dela ao poder foi cercada de polêmicas. Áñez era a segunda vice-presidente do Senado boliviano, mas acabou alçada ao comando do país – de maneira ilegal – depois que Evo e a cúpula do Congresso renunciaram em meio às denúncias de fraude.

Macri nega as acusações e as atribui a uma perseguição política orquestrada por Fernández para desviar a atenção da situação sanitária e econômica. Entre os investigados estão o próprio ex-presidente e os ministros Patricia Bullrich (Segurança) e Oscar Aguad (Defesa).

A evidência apresentada pelo governo é uma carta, assinada pelo então comandante da Força Aérea boliviana, Gonzalo Terceros, agradecendo ao embaixador argentino no país, Ariel Basteiro, pelo envio do material. O texto fala em “cartuchos antidistúrbio” e em “granadas”. •



Reuters

VITÓRIA INTERDITADA NO PERU

A eleição de Pedro Castillo sobre a candidata neoliberal Keiko Fujimori é a possibilidade de mudar os rumos do país, envolto em crise há anos e sob intensa turbulência política. Dos últimos 10 presidentes, 7 foram presos e um cometeu suicídio

por Ana Prestes

O povo peruano foi às urnas para o segundo turno das eleições presidenciais há mais de um mês, em 6 de junho. Enquanto escrevo, no Dia da Bastilha, 14 de julho, ainda não há proclamação oficial do vencedor do pleito, o candidato de esquerda, do partido Peru Libre, professor Pedro Castillo.

Antes de compreendermos a vitória de Castillo contra a candidata fujimorista Keiko Fujimori e a interdição da proclamação do resultado, é bom lembrarmos que o Peru está imerso em uma crise política e institucional já há

alguns anos, sendo que dos dez presidentes que o país teve desde a década de 80, pelo menos sete foram presos nos últimos anos envolvidos em escândalos de corrupção. Um deles chegou a se suicidar na iminência de ser preso, Alan Garcia.

O último presidente eleito, em 2016, também em um segundo turno contra Keiko Fujimori, foi Pedro Paulo Kuczynski com uma diferença de apenas 41 mil votos entre ambos. Na época, o fujimorismo alcançou maioria no parlamento, elegendo 73 dos 130 parlamentares. De lá para cá, uma sucessão de crises levou à queda de Kuczynski, sucedido por seu vice Martín Viz-

carra, que também foi derrubado no parlamento, para assumir o então presidente da Assembleia Nacional, Manuel Merino.

E Merino, por sua vez, foi interditado justamente pela forma como operou para derrubar Vizcarra. Por último, assumiu interinamente o parlamentar Francisco Sagasti que dirige o país. O desenvolvimento da pandemia é uma prova do abandono da população peruana à própria sorte, que chegou a ter a maior taxa de mortalidade por Covid do mundo, com 551 mortes a cada 100 mil habitantes.

Em meio a toda essa crise, Keiko, herdeira política do pai, Alberto Fujimori, de quem chegou a ser

primeira dama ao longo de sua Presidência nos anos 90, enfrentou uma série de derrotas políticas e no plano criminal. Foi presa sucessivas vezes por envolvimento em episódios de corrupção, lavagem de dinheiro, interceptação de recursos, tráfico de influência e outros. Ela precisou, inclusive, de autorização especial da Justiça para poder concorrer novamente à presidência. É que, quando foi registrar a candidatura pelo partido Força Popular, estava em prisão domiciliar. Essa situação fez com que o fujimorismo fosse desidratado no parlamento. Keiko entrou na campanha com menos força.

O primeiro turno eleitoral foi imprevisível, com 18 candidatos concorrendo e teve um resultado de primeiro turno surpreendente. Professor e sindicalista, o candidato Pedro Castillo, do partido Peru Livre, obteve a maior votação, com 18,92% dos votos, seguido de Keiko que ficou com 13,41%.

Abaixo deles, vieram os candidatos de direita Rafael López Aliaga (Renovação Popular) com 11,75%, Hernando de Soto (Avança País) com 11,63%, e Jonhy Lescano (Ação Popular) com 9,07%. Veronika Mendoza (Juntos por Peru), candidata de esquerda, obteve 7,86%. Foi uma eleição extremamente pulverizada e que demonstra o grau de desarticulação política no país e a busca de vários candidatos de se desvincular do que chama de política tradicional, uma espécie de “velha política” como foi denominado no Brasil no último período.

Castillo tem 51 anos, é professor de educação básica da área rural e sindicalista. Ganhou notoriedade no país ao encabeçar uma prolongada greve nacional do magistério em 2017. Ao longo da campanha de primeiro turno, nunca pontuou entre os prováveis mais votados nas pesquisas.

Uma de suas propostas de campanha era trocar a atual Cons-

tituição do país convocando uma Constituinte. Ele se posicionou nas eleições contra o recorte de gênero no currículo escolar e disse que em um eventual governo seu não legalizaria o aborto, o casamento homoafetivo e a eutanásia, pautas polêmicas no país.

Propôs ainda a destinação de 10% do PIB para saúde e educação e disse que fará uma verdadeira revolução educacional no país. Seu partido, o Peru Libre, se identifica como marxista-leninista-

O PERU VIVEU UMA ELEIÇÃO EXTREMAMENTE PULVERIZADA E CONTURBADA O QUE MOSTRA O GRAU DE DESARTICULAÇÃO POLÍTICA NO PAÍS

-mariateguista e foi fundado por um médico neurocirurgião, Vladimir Cerrón, que é o governador da região peruana de Junín.

Ao iniciar sua campanha, Castillo e seu partido mal tinham presença nas redes sociais, enquanto a adversária Keiko Fujimori contou com o engajamento de uma das mídias mais monopolizadas e fechadas do continente. Foi a população peruana mais pobre e marginalizada, ao enfrentar uma oligarquia estabelecida e respaldada pela grande imprensa e o capital financeiro, que garantiu a

vitória ao professor.

Uma demonstração de que o povo peruano e latino-americano há três décadas segue lutando contra o neoliberalismo e pode chegar ao bicentenário de 28 de julho com um presidente aliado do povo no comando do país. Mas, para que isso seja possível, será necessário vencer os intentos golpistas que assombram o país desde a finalização da apuração.

Desde que os resultados começaram a ser consolidados por volta de 23 de junho, dando a Castillo uma vantagem de 50 mil votos, com uma vitória 50,12%, foi iniciada uma série de ataques ao processo eleitoral. A campanha de Keiko entrou com mais de 800 recursos na justiça eleitoral do país. Foram mobilizados militares da reserva para pressionar seus superiores da ativa a não reconhecerem a eleição. Também foram tentadas reuniões com a OEA e outros observadores internacionais para questionarem o processo.

Como se não bastasse tudo isso, ainda foram insuflados policiais locais contra autoridades regionais do partido Peru Libre. E tem havido hostilidade aos partidários de Castillo que fazem mobilizações nas ruas.

Neste momento, quase como último recurso, os advogados de Keiko tentam provar que o Gabinete Nacional de Processos Eleitorais (ONPE) cometeu erros numéricos, especificamente nas zonas rurais de votação, onde Castillo teve votação expressiva.

A candidata não apresenta sequer uma prova de nenhuma dessas alegações. O prazo legal para recursos é 16 de julho. A ata da eleição precisa ser proclamada até 20 de julho para a posse em 28 de julho. Acompanhem os próximos capítulos com a confiança de que a voz do povo falará mais alto. •

Socióloga e cientista política, é dirigente nacional do PCdoB.

A red-tinted, high-contrast portrait of Jim Morrison, looking directly at the viewer. The image is rendered in a style that looks like a heavy red ink or paint application over a white background, with some areas appearing more saturated than others. The hair is wild and messy, and the eyes are intense.

O LEGADO DE JIM MORRISON

Morto há 50 anos, um dos mais importantes poetas do rock tem sua obra resgatada e recompilada num livro de quase 600 páginas, mostrando que por trás da beleza do cantor, havia arte de primeira grandeza e uma alma perturbada pela realidade dura, fria e terrível da América dos anos 60

Jim Morrison, o Rei Lagarto, deixou a vida para entrar no panteão dos Deuses do Rock há mais de cinco décadas. E legou aos fãs e amantes do rock uma imensa obra com os Doors marcada como um caso raro em que poesia e música não envelhecem ou se tornam clássicos, como os Beatles ou os Rolling Stones. Mas, para além das circunstâncias em que surgiu, a arte de Morrison e dos companheiros de banda – Ray Manzareck (teclados), Robby Krieger (guitarra) e John Densmore (bateria) – segue plena, redescoberta e fonte para gerações.

O líder dos Doors não era apenas um rostinho bonito, nem um performer arisco e icônico, a pular nos loucos anos 60 e cantar vestido em uma justa calça de couro. Bobagem apegar-se à vulgar imagem que tentaram fazer dele. Seu envolvimento era com as palavras e o poder sublime de criar versos de rara beleza e imensa profundidade filosófica. Jim Morrison foi o último grande poeta do rock a beber diretamente da fonte do movimento beat e ganhar o mundo como um bardo a trabalhar com versos e imagens ricas e vivas, que estão impregnadas no ocidente. Claro, além disso, tinha muito charme e um talento raro como cantor.

Pois o legado de Morrison ganhou agora uma antologia à altura do poeta. Criado em colaboração com o espólio de Morrison, o livro *"The Collected Works of Jim Morrison"*, de quase 600 páginas, celebra a arte do poeta americano, que viveu e morreu como um rock star, mas tinha a alma de um romântico. Ele próprio tinha planos de publicar um livro contendo todos os seus escritos, incluindo poemas, roteiros e letras. Pois agora o desejo ganhou vida. A obra foi lançada pela Harper Design e está na lista dos best-sellers do *New*

York Times e é considerada a antologia definitiva dos escritos do poeta, ilustrada com fotografias raras e numerosos trechos manuscritos de poesia e letras de seus 28 cadernos pessoais.

É possível ler versos que vão desde *"The Pony Express"*, um poema que ele escreveu quando estava na 5ª série primária, até reflexões de seus últimos dias em Paris, onde foi encontrado morto, numa banheira, em 3 de julho de 1971. Foi na terra de Charles Baudelaire que o poeta parece ter feito as pazes com o conceito de mortalidade, profeticamente escrevendo: *"Naked we come and bruised we go / nude pastry for the slow soft worms below"* – *"Nus nós viemos e machucados nós vamos/ massa folhada nua para os lentos e macios vermes lá embaixo"*.

Um dos remanescentes da banda, o grande guitarrista Robby Krieger, é preciso ao dizer que o amigo era um gênio. "Ele foi o único cara que conheci naquela idade que estava tão preocupado com a morte e a filosofia. Ninguém mais estava nem perto de pensar como ele", lembra. "Jim sempre foi um poeta. Quando eu escrevi 'Light My Fire', Jim acrescentou a frase 'tente atear fogo à noite'. Descobrimos recentemente que ele tinha escrito essa linha em um caderno de poesia há muito tempo, quando era apenas uma criança".

A irmã do cantor, Anne Morrison Chewning, diz que ficou rapidamente claro que seu irmão era diferente das outras crianças enquanto eles cresciam na família de militares que mudava de casa quase a cada seis meses. "Enquanto seus amigos brincavam, Jim lia [Arthur] Rimbaud, [Albert] Camus e [Jean] Genet", lembrou Anne, numa entrevista recente ao *Financial Times*. "Quando ele se formou, pediu aos meus pais as obras completas de Nietzsche como presente. Ele gostava de ir a Washington e vagar pelas ruas sozinho, apenas

para poder observar as pessoas".

Anne estava morando em Londres em 1966 quando sua mãe, Clara, enviou uma cópia do álbum de estreia do grupo The Doors. Ela ficou agradavelmente surpresa ao descobrir sobre a nova carreira do irmão mais velho, que àquela altura havia se desconectado da família. "Sempre pensei que Jim acabaria como um poeta beatnik sem um tostão", diz ela. "Parecia que a música era realmente uma coisa acidental. Ele não estava tentando ser músico ou cantor. Simplesmente aconteceu por acaso".

Um amigo de Morrison dos tempos da UCLA, onde estudaram cinema, Frank Lisciandro – editor da antologia – lembra as pretensões do líder dos Doors. "Jim era amigo de [o poeta da geração beat] Michael McClure e adorava a maneira como os poetas beats abordavam a linguagem. Queria divulgar a sua poesia através do palco do rock e transformá-la em teatro", conta. "Era importante que imprimíssemos as letras de suas músicas junto com sua poesia, pois Jim realmente não via diferença".

Foi Lisciandro que examinou dezenas de blocos de notas e fragmentos de poesia que Morrison deixou para trás para reuni-las na antologia. Em 8 de dezembro de 1970, o agora editor foi convidado por Morrison ao estúdio em seu último aniversário para vê-lo gravar alguns de seus poemas favoritos – o audiolivro da antologia apresenta essas gravações.

"Ele era uma pessoa muito discreta e quieta. Nem um pouco fanfarrão. Lembro-me de que um dia ele entrou no escritório do The Doors e silenciosamente me entregou um livro de poemas que acabara de publicar por conta própria", recorda-se o agora editor do legado de Morrison. "Eu achava que ele era uma pessoa inteligente, mas depois de ler aqueles poemas percebi que eu não sabia nada sobre o mundo".

Muito da poesia enigmática e de fluxo de consciência de Jim Morrison parece refletir o mundo conturbado dos nossos dias. Enquanto as referências de pesadelo a “freiras com olhos catalépticos” estão mais próximas das visões góticas de Edgar Allan Poe, os pensamentos de Morrison sobre a tecnologia substituindo a experiência da vida real – *“Pode haver um momento em que vamos a teatros meteorológicos para lembrar a sensação da chuva”* – são originais e assustadores. Ele escreve sobre uma *“cidade enlouquecida de febre”*, pessoas deixando *“sombas elétricas”*, e tristemente admite que a *“divisão dos homens em espectadores é o fato central de nosso tempo”*.

Lisciandro ressalta: “Em um dos poemas, ele fala sobre os globos oculares suspensos na frente de uma tela. E agora, 50 anos depois, estamos grudados em telas”. O editor contou ao *Financial Times* sobre a percepção terrível que a vida moderna exerceu sobre o poeta e escritor. “A ideia de o mundo se tornar mais computadorizado definitivamente perturbou Jim porque ele tinha um espírito muito livre. Ele simplesmente ia para onde quer que a energia o empurrasse”, diz. “Ele saía de uma sessão do Doors, andava até a rodovia, colocava o dedo para fora e pegava uma carona. Jim era um mochileiro em sua mente também, pegando carona para o próximo pensamento ou experiência”.

No livro, é possível perceber que as guerras – uma fonte inesgotável de inspiração para os artistas, principalmente nos anos 60, quando quase todo o mundo que importava no rock abordou o conflito no Vietnã – afetaram o pensamento do poeta e cantor. Morrison aborda regularmente a guerra, escrevendo sobre soldados *“levados à matança por generais plácidos”*.

É tentador ver essas descrições

angustiantes como farpas dirigidas diretamente ao pai, o Contra-Almirante George Stephen Morrison, comandante das forças navais dos EUA no Golfo de Tonkin, durante o incidente em agosto de 1964 que desencadeou a escalada do envolvimento americano na Guerra do Vietnã. Veterano, testemunhou o ataque japonês a Pearl Harbor, o velho não aprovava as escolhas de carreira do filho. Anne diz que Morrison, na verdade, teria planos de fazer as pazes com o pai. Parece estranho para quem abordou de maneira impactante o mito de Édipo.

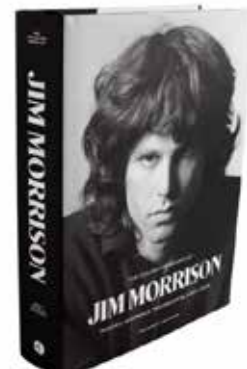
Quem não se lembra dos versos profundamente perturbadores da clássica “The End”? – *“The killer awoke before dawn/ He put his boots on/ He took a face from the ancient gallery/ And he walked on down the hall/ He went into the room where his sister lived/ And... then he/ Paid a visit to his brother, and then he/ He walked on down the hall, and/ And he came to a door.../ and he looked inside/ ‘Father?’/ ‘Yes, son’/ ‘I want to kill you’/ ‘Mother... I want to... fuck you’ [O assassino acordou antes do amanhecer/ Calçou suas botas/ Tomou um rosto na antiga galeria/ E seguiu pelo corredor/ Foi até o quarto onde sua irmã vivia/ E então ele/ Visitou seu irmão/ E então ele seguiu pelo corredor/ E foi até uma porta, e olhou para dentro/ “Pai?”/ “Sim, filho”/ “Eu quero te matar”/ “Mãe... Eu quero... Te foder”].*

Esta canção permanece viva na mente de todos hoje não tanto pelos versos reveladores da grave distância entre Jim e a família, ou pela clara inspiração em Sófocles e a peça “Édipo Rei”, mas por conta do filme “Apocalypse Now” (1979), do cineasta Francis Ford Coppola, também ele um estudante de cinema da UCLA, contemporâneo e colega de Morrison dos tempos de faculdade.

A canção ilustra dois grandes momentos da obra-prima cine-

matográfica. Na abertura do filme, quando “The End” serve de trilha para as imagens de helicópteros sobrevoando algum ponto do Vietnã onde são despejados litros de napalm, enquanto o capitão Benjamin Willard (Martin Sheen) permanece olhando vagamente para o teto de seu quarto ordinário de um hotel ordinário nos confins do país asiático, pensando na missão que lhe foi dada: matar um coronel enlouquecido que desertou do exército americano e segue rebelde, escondido nas selvas, assombrando as tropas dos EUA: Kurtz (Marlon Brando).

E, no final, quando Willard se esgueira pela selva, mergulha no rio, em meio a fortes chuvas, e sob as sombras cúmplices de árvores, com o rosto pintado, segue o ritual coreografado como um bailarino para cumprir seu objetivo e propósito: matar Kurtz, o coronel desertor, a golpes de facão, enquanto a música atordoia o espectador com imagens entrecortadas de um boi sendo retalhado por vietnamitas e imagens de Brando ferido, cambaleando. Até que, caído e com os olhos abertos, perdendo a vida, sangrando, balbucia as últimas palavras: “O horror, o horror...” O filme foi inspirado no livro “Coração das trevas”, de Joseph Conrad. Profundo, perturbado e imagético. Como a poesia de Morrison. •



The Collected Works of Jim Morrison: Poetry, Journals, Transcripts, and Lyrics. Jim Morrison. Harper Design. 1ª edição, 584 páginas. Capa dura, R\$ 264,57, importado pela Amazon.

O GAROTO DA MOTOWN



Há 60 anos, Stevie Wonder dava início a uma carreira musical brilhante, como uma criança prodígio, cujo talento emergiu na fábrica de música negra mais aguerrida das Américas

Por Alberto Cantalice

Em meados de julho de 1961, entrava nos estúdios da Motown Records, mais precisamente no selo alternativo Tamla Records, na cidade de Michigan, um jovem de 11 anos de idade acompanhado de sua mãe. O garoto tímido e talentoso, de nome Steveland Hardaway Morris, e que por sugestão dos produtores adotou o nome artístico de Stevie Wonder, iniciava ali uma trajetória de sucesso que dura 60 anos.

A Motown havia sido fundada apenas dois anos antes, em 1959, pelo produtor musical Berry Gordy Jr. Negro, Gordy buscava investir no crescente e efervescente mercado da chamada black music, priorizando a contratação de jovens talentos afro-americanos e difundindo suas composições. Mas foi em 1961 que começava uma parceria que perdura até hoje: a Motown e Stevie Wonder.

Mesmos que artistas negros contemporâneos tenham obtido grande sucesso, a Motown foi a mais importante lançadora de talentosos músicos afro-americanos desde que surgiu. E também a gravadora lançou musicais que deixavam de lado o "mero lirismo" e partiam para a produção calcada

em temas políticos e sociais.

Vencedor de 25 prêmios Grammy, Stevie foi ao longo de seus 60 anos de carreira empilhando um sucesso atrás do outro. Considerado pela unanimidade da crítica musical, um dos melhores músicos da atualidade, Stevie, cego desde o nascimento prematuro – sofre de retinopatia da prematuridade – desenvolveu sua genialidade exclusivamente com base na sonoridade.

Seu single de estreia "I call it pretty music" (Eu chamo isso de música bonita), abriu a possibilidade do lançamento nos dois anos seguintes de vários hits. O primeiro deles "Fingertips part 2", gravado ao vivo, atingiu o primeiro lugar na parada musical na categoria pop e rhythm and blues.

Aos 18 anos, Stevie se muda para Los Angeles, onde busca desenvolver novos ritmos e novas influências musicais e começa a trabalhar com o produtor, maestro e arranjador Quincy Jones. Um mestre dos arranjos, Jones vinha de uma escola das big bands de Count Basie e Duke Ellington e tinha se tornado mundialmente conhecido como arranjador de Frank Sinatra.

A influência de Quincy Jones na obra de Wonder é decisiva na virada de sua carreira. A partir daí, a música do garoto prodígio co-

meça a atravessar as fronteiras dos Estados Unidos e ganhar o mundo. A influência de Wonder na música contemporânea pode ser considerada a mais significativa. São incontáveis a quantidade de artistas mundo afora que se consideram influenciados, como o rei do pop Michael Jackson.

Além de exímio pianista e tecladista, Stevie é um profundo conhecedor e divulgador da gaita, instrumento tradicional da chamada música country e inserido na música pop e depois incorporado definitivamente ao rock e ao blues. Ele também foi um dos primeiros músicos a usar o sintetizado e o transformador de voz.

Ativista das causas sociais e raciais, o cantor nunca deixou de lembrar a saga dos negros em defesa dos direitos civis. Apoiador do movimento Black Lives Matter, o cantor lançou recentemente "Can't put in the hands off fate" e "Where is our love song". Ambas tratam dos debates, controvérsias e desafios globais.

Mesmo sem Berry Gordy, que deixou a Motown em 1988, vendendo sua parte para a Universal, Stevie segue na gravadora. São 60 anos de parceria que perdura e revelou um artista que é mundialmente reconhecido como um dos maiores nomes da música pop. •

16 de julho de 1934

PROMULGADA A NOVA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL

Em sessão solene, com o Congresso Nacional lotado, é promulgada a Carta Magna de 1934. O novo texto constitucional refletiu as disputas de oito meses de trabalho, debates acirrados e pressões de vários grupos políticos e econômicos, e estabeleceu que o Brasil continuaria sendo uma República federativa, mas com redução das prerrogativas dos estados, e Três Poderes independentes. A Constituição garantiu à União a possibilidade de nacionalizar empresas estrangeiras e determinar o monopólio estatal de setores da economia, em caso de interesse e segurança nacional. O Poder Legislativo ficou com a responsabilidade de fiscalizar os atos da Presidência da República, que pode vir a responder por crimes de responsabilidade.



16 de julho de 1963

GOVERNO ADOTA O MÉTODO PAULO FREIRE

O governo federal lança a Campanha Nacional de Alfabetização e cria, para coordená-la, a Comissão de Cultura Popular (CCP), sob a presidência do educador Paulo Freire. O objetivo da campanha é disseminar pelo território nacional o método Paulo Freire, desenvolvido pelo Movimento de Cultura Popular (MCP) em Pernambuco, testado em vários estados do Nordeste e levado ao Rio, São Paulo e Brasília pelo Centro Popular de Cultura (CPC), da União Nacional dos Estudantes (UNE).

20 de julho de 1934

GOVERNO DECRETA ILEGALIDADE DA ANL

Após chefiar por três anos e oito meses o governo provisório, Getúlio Vargas toma posse como presidente do Brasil para um mandato de quatro anos. Na cerimônia de posse, faz um balanço de seu governo e conclui que "a ditadura foi uma escola de administração pública". O país tem 37 milhões de habitantes, em sua maioria analfabetos e moradores do campo. Getúlio afirmou que "o problema do Brasil exige solução brasileira".

22 de julho de 1938

'HORA DO BRASIL' AGORA É OBRIGATÓRIA

O Departamento Nacional de Propaganda, ligado ao governo federal, torna obrigatória a transmissão por todas as emissoras de rádio do país do programa "Hora do Brasil", nova denominação do "Programa Nacional", transmitido desde 1935. O programa dura uma hora e divulga diariamente os atos do Poder Executivo e as realizações do governo federal em todas as emissoras de rádio do país.

18 de julho de 1945

MULTIDÃO EM FESTA RECEBE OS PRACINHAS

O Brasil está parado. Aproveitando o feriado nacional decretado pelo governo, uma multidão enche as ruas da capital da República para saudar os primeiros pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) a voltar ao país, vitoriosos na campanha da Itália. Milhares de pessoas foram homenagear os heróis que ajudaram a derrotar o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.



16 de julho de 2008

SAI O PISO NACIONAL PARA OS PROFESSORES

O presidente Lula sanciona a Lei 11.738/2008, que estabelece piso salarial nacional para professores de escolas públicas da educação básica. O piso salarial é o valor mínimo que devem receber os professores em início de carreira. A regra vale para todo o país. O piso nacional permitiria corrigir discrepâncias entre os salários pagos a professores em diferentes estados, tendo a União a prerrogativa de intervir para garantir o cumprimento da lei.

18 de julho de 1968

CCC VOLTA À CENA EM ATAQUES A TEATROS

O Teatro Galpão, em São Paulo, é atacado e depredado por integrantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), grupo paramilitar de extrema direita criado um ano antes do golpe de 1964 e integrado por militares, policiais e jovens ligados a políticos de direita. O elenco da peça "Roda Viva", de Chico Buarque, foi espancado.

21 de julho de 1983

'FORA DAQUI O FMI' É O NOVO GRITO DA RUA

Mais de 2 milhões de trabalhadores participam da greve geral contra o arrocho salarial, previsto no Decreto-Lei 2.045. A paralisação concentrou-se na região do ABC e em São Paulo, onde o comércio fechou as portas e a PM reprimiu manifestações. No Rio, 50 mil saíram em passeata, gritando: "Fora daqui o FMI".

16 de julho de 1950

URUGUAI VENCE A COPA E CALA O MARACANÃ

Com um gol a 11 minutos do fim da partida, o Uruguai vence de virada a Seleção Brasileira, anfitriã, e conquista a Copa do Mundo de 1950. O público no Maracanã, incrédulo, assiste a tudo com profunda tristeza. É o fim do sonho do Campeonato Mundial. O Uruguai conquista seu segundo trunfo, pois já levava a Copa de 1930, jogando em casa. Os gols saíram no segundo tempo: Friaça abriu o placar para o Brasil aos 2 minutos; aos 21, Schiaffino empatou para a Celeste; aos 34, Ghiggia selou a tragédia brasileira.

17 de julho de 1962

BRASIL QUE QUASE DEU CERTO É BICAMPEÃO

1962 foi o ano em que o Brasil quase deu certo, campeão no cinema, basquete e futebol, o país perderia democracia dois anos depois. O Brasil chegou à Copa de 1962, no Chile, com a autoestima em alta, preparado para conquistar o bicampeonato. E conquistou. Um mês antes ganha a Palma de Ouro do Festival de Cannes, com "O Pagador de Promessas", de Anselmo Duarte. Na mesma época, o basquetebol do Brasil mostrava ao mundo que tinha "samba" também na mão e conquistou o bicampeonato mundial (1959 e 1963), além das medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma (1960) e Tóquio (1964).

JORGE HEREDA, PRESENTE

Ex-presidente da Caixa e ex-secretário de Habitação, o arquiteto baiano faleceu vítima de um câncer. A ex-presidenta Dilma lamentou: “Foi meu parceiro e do presidente Lula”. Ele ajudou a desenhar o programa Minha Casa, Minha Vida

Morreu em 9 de julho, aos 64 anos, o arquiteto baiano Jorge Fontes Hereda, após uma batalha contra o câncer. Hereda ocupou diferentes cargos na administração pública, sempre na perspectiva do desenvolvimento social e superação das desigualdades. Combinava a sensibilidade para tratar das questões urbanísticas com o conhecimento econômico que lhe permitia enxergar a transversalidade das políticas públicas.

A ex-presidenta Dilma Rousseff lamentou, em suas redes sociais, a morte de Hereda. “Foi meu parceiro e do presidente Lula, fez da Caixa um instrumento eficiente do crédito popular, do Minha Casa Minha Vida e do Bolsa Família. Fará muita falta ao país”. Em nota, o PT lamentou o fato se solidarizou com a esposa, familiares e amigos pela perda.

No Twitter, o governador Rui Costa escreveu: “Com tristeza recebi a notícia do falecimento

de Jorge Hereda, ex-secretário estadual de Desenvolvimento Econômico em nossa gestão e ex-presidente da Caixa. Será lembrado por seu trato amigável e empático, além da grande inteligência. Meus sentimentos aos familiares e amigos”.

Ex-governador da Bahia, o senador Jaques Wagner (PT), também soltou nota de pesar. “Com grande tristeza, Fátima e eu recebemos a notícia da morte do querido amigo Jorge Hereda. Será lembrado por sua inteligência, sensibilidade e compromisso na construção de um Brasil mais justo para todos e todas”, disse.

Na última etapa de sua carreira no setor público, Hereda foi secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado da Bahia, no governo Rui Costa (PT), deixando o cargo em 2017. No governo Dilma, foi presidente da Caixa Econômica Federal. Antes, foi vice-presidente do banco durante as gestões de Lula e Dilma.


À frente da Caixa, Hereda viveu o teste de fogo imposto pela crise

global de 2008, quando o governo Lula optou por aprofundar o papel dos bancos públicos no fomento à atividade econômica. Naquele período, o Brasil tornou-se referência na superação da crise.

Outro ponto alto de sua contribuição ocorreu quando ocupou o cargo de secretário de Habitação no Ministério das Cidades, entre 2003 e 2005, quando foi gestado o bem-sucedido programa Minha Casa, Minha Vida.

Formado em Arquitetura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo (USP), Hereda iniciou sua vida pública como secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano em Diadema (SP).

Ele atuou ainda em iniciativas que tiveram forte impulso sob inspiração do PT, como o Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, onde foi secretário-executivo. Baiano de Salvador, onde foi enterrado, Hereda foi homenageado em missa na última sexta-feira, na capital baiana. •



Plano de reconstrução e transformação do Brasil

OUTRO MUNDO
É PRECISO
OUTRO BRASIL
É NECESSÁRIO



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Documento histórico, o Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil tem como objetivo fortalecer a democracia e recolocar o Estado a serviço do país e do povo. O PT e a Fundação Perseu Abramo propõem a adoção de medidas econômicas de emergência e de longo prazo, com a recuperação de direitos dos trabalhadores e a retomada da soberania nacional.

O texto está disponível no site da Fundação Perseu Abramo: <http://fpabramo.org.br>.

24 JULHO VAI TER MAIS

FORA, BOLSONARO!

**VENHA PRA LUTA
EM TODO O BRASIL**

SIGA AS NOSSAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM: @FORABOLSONARONACIONAL

TWITTER: @FORABOLSONARONA

**FORA
BOLSONARO**